

INÊS MARIA CORDEIRO LINHARES CALIXTO

A PARTICIPAÇÃO DOS PAIS NO CURRÍCULO DO PRÉ-ESCOLAR

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Educação do Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre.

CURITIBA

1982

A PARTICIPAÇÃO DOS PAIS NO CURRÍCULO DO PRÉ-ESCOLAR


por

INÊS MARIA CORDEIRO LINHARES CALIXTO

Dissertação aprovada como requisito parcial para
obtenção do grau de Mestre no Curso de Pós-Gradua
ção em Educação, pela Comissão formada pelos pro-
fessores:

ORIENTADORES:


Prof.^a Zelia Milleo Pavao


Prof.^a Corina Lucia Costa Ramos

Prof.^a Consuelo de Menezes Garcia

CURITIBA

1982

i

DECLARAÇÃO DOS DIREITOS DA CRIANÇA

- 1 A criança deve gozar de todos os direitos enunciados nesta Declaração. Estes direitos devem ser reconhecidos para todas as crianças, sem exceção nenhuma, e sem distinção ou discriminação baseada em raça, cor, sexo, idioma, religião, opiniões políticas ou de qualquer outra índole, origem nacional ou social, situação econômica, nascimento ou qualquer outra condição, seja da própria criança ou de sua família.
- 2 A criança deve beneficiar-se de proteção especial e dispor de oportunidades e serviços assegurados por lei ou por outros meios, a fim de poder desenvolver-se física, mental, moral, espiritual e socialmente de modo saudável e normal, em condições de liberdade e dignidade; na adoção de leis com este objetivo, a consideração fundamental deve ser o interesse superior da criança.
- 3 A criança tem direito, desde o nascimento, a um nome e a uma nacionalidade.
- 4 A criança deve gozar dos benefícios da previdência social. Tem o direito de crescer e desenvolver-se de modo saudável; para tanto, devem-lhe ser assegurados, assim como à mãe, cuidados especiais, inclusive assistência pré e pós-natal. A criança tem direito a alimentação, moradia, recreação e cuidados médicos adequados.
- 5 A criança física, mental ou socialmente desfavorecida deve receber o tratamento, a educação e os cuidados especiais requeridos por seu estado ou situação.
- 6 A criança, para desenvolver sua personalidade de modo pleno e harmonioso, necessita de amor e compreensão. Sempre que possível, deve crescer sob a proteção e a responsabilidade dos pais, ou, em qualquer caso, numa atmosfera de afeto e segurança moral e material; a criança de tenra idade não deve ser separada da mãe, a não ser em circunstâncias excepcionais. A sociedade e os poderes públicos têm obrigação de dispensar cuidados especiais às crianças sem família e às que não dispõem de meios suficientes de subsistência. É conveniente que as famílias numerosas recebam subsídios estatais ou de outra espécie.

- 7 A criança tem direito de receber educação, que deve ser gratuita e obrigatória pelo menos ao nível primário. Deve receber uma educação que contribua para desenvolver suas aptidões, suas opiniões pessoais e seu sentido de responsabilidade moral e social, tornando-se membro útil da sociedade. O interesse superior da criança deve ser o princípio orientador dos que têm a responsabilidade de educá-la e guiá-la; tal responsabilidade cabe, basicamente, aos pais.
A criança deve ter plenas possibilidades de brincar e dedicar-se a atividades recreativas, que devem ser orientadas para os objetivos da educação; é dever da sociedade e dos poderes públicos esforçar-se para assegurar o exercício deste direito.
- 8 A criança deve, em todas as circunstâncias, figurar entre os primeiros a receberem proteção e socorro.
- 9 A criança deve ser protegida contra todas as formas de abandono, crueldade e exploração.
Não deve ser submetida a nenhum tipo de tráfico.
Não deve ser permitido que a criança trabalhe antes de uma idade mínima adequada; em nenhum caso deve ser submetida ou autorizada a aceitar emprego ou ocupação nocivos à sua saúde e educação, ou que prejudiquem seu desenvolvimento físico, mental ou moral.
- 10 A criança deve ser protegida contra práticas que possam fomentar discriminação social, religiosa ou de qualquer outra índole. Deve ser educada num espírito de compreensão, tolerância e amizade entre os povos, de paz e fraternidade universal, com plena consciência de que deve dedicar sua energia e suas capacidades ao serviço de seus semelhantes.

Declaração aprovada pela Assembléia Geral das Nações Unidas em 20 de novembro de 1959.

AGRADECIMENTOS

- Aos professores orientadores de pesquisa, cujo apoio , auxílio e estímulo constantes me ajudaram na elaboração da dissertação;

- aos professores e colegas do Curso de Mestrado, que de diversas maneiras, contribuíram para a conclusão da tese;

- aos professores, pais e crianças das pré-escolas, que enriqueceram a experiência que fundamentou a proposta de tese;

- aos meus pais, que em todas as fases de minha formação, jamais mediram esforços para me auxiliarem;

- ao meu marido, pelo constante apoio e estímulo, em todos os momentos; e

- a todas as pessoas, que direta ou indiretamente, contribuíram para a conclusão do trabalho.

SUMARIO

	Página
TERMO DE APROVAÇÃO.....	i
AGRADECIMENTOS.....	iv
SUMÁRIO.....	v
RESUMO.....	vi
SUMMARY.....	viii
INTRODUÇÃO.....	1
APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA.....	1
OBJETIVOS.....	5
DEFINIÇÃO DE TERMOS.....	6
METODOLOGIA.....	8
CAPÍTULO I <u>EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR E PRÉ-ESCOLA - CONSIDERAÇÕES SOBRE O CURRÍCULO</u>	12
CAPÍTULO II <u>A CRIANÇA DE PRÉ-ESCOLA</u>	23
CAPÍTULO III <u>OS PAIS NA PRÉ-ESCOLA: RELATO DE EXPERIÊNCIA</u>	31
CAPÍTULO IV <u>A PARTICIPAÇÃO DOS PAIS NO ENSINO PRÉ-ESCOLAR, NO BRASIL E EM OUTROS PAÍSES</u>	46
CAPÍTULO V <u>A PARTICIPAÇÃO DOS PAIS NA PRÉ-ESCOLA - UMA PROPOSTA</u>	62
<u>CONCLUSÃO E RECOMENDAÇÕES</u>	87
<u>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</u>	91

RESUMO

A educação pré-escolar corresponde a uma fase de desenvolvimento particularmente importante da criança, que vai desde o seu nascimento, até os seis ou sete anos, quando é recomendado o início da escolarização.

Nesta fase, a criança convive, em geral até os três anos de idade, exclusivamente com a família. Aos poucos, vai crescendo em direção a uma autonomia e tem condições de se desligar, progressivamente, dos laços maternos. Convém então, que ela passe a frequentar, em meio período, o ambiente extrafamiliar da pré-escola, com o objetivo de enriquecer suas experiências sociais, desenvolver suas habilidades e formar bons hábitos, em relação a si mesma, aos outros e às coisas.

Pela concomitância e intercomplementariedade do trabalho da família e da pré-escola, na fase pré-escolar, defende-se a tese da importância da participação efetiva dos pais, na elaboração, execução e avaliação do currículo.

Em dez anos de experiência com crianças de pré-escola, no trabalho de classe e na Supervisão Escolar, foi tomando forma a idéia da necessidade de encontrar formas práticas de sugerir o envolvimento dos pais, experimentando diversas alternativas.

Como resultado, configurou-se a possibilidade de criar um Guia de Orientação aos Pais, que além de informações, poderia conter sugestões práticas de envolvimento, no currículo da Pré-Escola. É um instrumento que deve ser adaptado à realidade do jardim de infância que o utiliza e, que acompanha o currículo.

Conclui-se que, é fundamental o debate em relação ao problema e que todos devem tomar parte na responsabilidade de ajudar a criança a conquistar seu espaço e auto-educar-se, no mundo atual. Por outro lado, deve-se incentivar a formação adequada dos professores, para sua atuação na pré-escola, e dos pais para execução de sua tarefa junto à família.

Recomenda-se aos cursos de formação de professores, à Universidade, aos centros de pesquisa e aos serviços comunitários, a direção de suas atividades, em favor da fase pré-escolar; às A.P.Ps., que criem mecanismos efetivos de envolvimento dos pais, na pré-escola; e, às pré-escolas, que incluam a participação dos pais no currículo, oferecendo sugestões práticas de envolvimento, visando trabalho conjunto na tomada de decisões e na execução das atividades, tendo como preocupação central, a criança.

SUMMARY

Early Childhood Education corresponds to a particularly important developmental phasis of the child, since its birth until the age of six or seven years, being considered the beginning of elementary school.

Generally, till the age of three years old, the child lives with its family, only. Between four and five, its growth toward self independence gives conditions for its attendance , in a half-time period of pre-schooling. It may work for the social experiences, ability development and proper behavior towards itself, the others and the things around.

Because of the necessary correspondance between the tasks of family and of pre-school, it is important to stimulate parents involvement in the curriculum.

Based upon an experience of ten years in pre-school classes, it had developped the idea, in order to find practical suggestions for parents involvement. Consequently, it was been elaborated a Orientation Guide for Parents, that may, if adopted, correspond to the reality of the presented pre-school.

It has been concluded, that it is fundamental to stimulate debate, teachers-parents training and research for and about Early Childhood Education.

It has been recommended to the University, the teachers training Colleges, the Research Centers and the Community, the direction of their attention toward the pre-school child; to the parents Councils, the encouragement of parents involvement at pre-school; and to the pre-school, itself, the task of stimulate parents involvement in the curriculum, with the child as the main interest.

INTRODUÇÃO

APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA

A educação pré-escolar tem sido amplamente discutida , atualmente.

Por muito tempo, foi quase que exclusivamente, responsabilidade da família da criança, antes do seu ingresso na escola. Porém, a complexidade crescente da sociedade e suas conseqüências na vida familiar tornaram necessária a criação de pré-escolas, que complementam a educação pré-escolar iniciada no nascimento da criança.

Estudos mais aprofundados da psicologia da criança levaram a uma maior compreensão das tarefas da família e da pré-escola na sua educação e, conseqüentemente, a um interesse maior pelo trabalho que se faz com ela, expresso pelos currículos de pré-escolas.

Propõe-se um trabalho relacionado ao currículo da pré-escola, que auxilia uma fase da educação, considerada fundamental para o desenvolvimento da pessoa individual e social e ainda , educação inicial, sob o ponto de vista do processo de escolarização.

Quando se fala em currículo da pré-escola, supõe-se um currículo expresso, que envolve o trabalho realizado com as crianças desta faixa etária, e um currículo não-expresso, que se compõe de todas as experiências adquiridas pela criança, a partir de seu nascimento, ou até antes, participando de uma história familiar e comunitária.

A partir da vivência de dez anos com crianças na fase pré-escolar, em pré-escolas, defende-se a tese da necessidade de uma atenção especial com o envolvimento dos pais, no currículo.

Na cultura ocidental, a fase pré-escolar inicia com o nascimento e vai até os seis ou sete anos, momento considerado ideal para o começo da escolarização regular. A participação dos pais é natural e essencial, caso a criança frequente instituições de ensino pré-escolar, pois há expectativas envolvidas, tanto da parte dos pais, como da própria criança, da comunidade à qual pertence e ainda da pré-escola, que se propõe finalidades para atendimento a essas expectativas diversas.

A qualidade de vida atual e a necessidade que o pai e a mãe tem de participarem, ambos, da construção da estrutura familiar, incluindo o aspecto financeiro, coloca a criança, desde cedo, em contato com instituições de atendimento pré-escolar. De zero aos dois anos, em creches; dos dois aos quatro anos, em escolas maternais, e dos quatro aos seis anos, em jardins de infância, considerando-se uma divisão instituída para fins práticos.

Há um consenso na compreensão do trabalho em creches, tanto dos pais, como dos profissionais envolvidos, para que as crianças sejam atendidas nas suas necessidades diárias de sono, alimentação, bem-estar geral e, eventualmente, cuidados específicos de saúde.

As escolas maternas, relativamente novas, no caso brasileiro, envolvem ainda, um atendimento individualizado, embora haja maior convívio das crianças, nas brincadeiras. Observa-se o bem-estar geral da criança e suas necessidades. Há situações comuns, em que a creche e a escola maternal se confundem e prestam assistência de características semelhantes, garantindo, principalmente, um local seguro e agradável para as crianças permanecerem, enquanto os pais trabalham.

Os Jardins de Infância, porém, já supõem atividades mais específicas, voltadas para um atendimento complementar ao da família, acrescido da aquisição organizada de habilidades e noções elementares, que preparam para o ingresso no processo de escolarização regular. É natural que a preocupação exista, pois o período antecede, imediatamente, a entrada na escola. Mas o fundamental, seria o convívio das crianças, visando um processo de socialização progressiva.

É nesse momento, que pais e profissionais, nem sempre se identificam em suas expectativas e não há ainda, um consenso formado quanto ao trabalho que se realiza na pré-escola - Jardim de Infância.

Há pais, esperando que simplesmente se cuide de seus filhos, enquanto eles trabalham. Outros, exigem um adiantamento dos conhecimentos da escola de 1º grau, e outros concordam com

a aquisição natural, harmoniosa e gradativa de habilidades e conhecimentos, respeitando-se o ritmo de descobertas da criança, subjacente à sua crescente maturidade e no convívio com outras crianças.

Coloca-se o presente problema em relação aos pais, em como ajudá-los a compreenderem o que se faz no Jardim de Infância, através de uma participação efetiva.

Fundamentadas na postura assumida pelos anos de experiência em pré-escolas e na bibliografia existente, pretende-se apresentar sugestões para a participação dos pais no currículo da pré-escola, especialmente do Jardim de Infância, que atende às crianças de quatro a seis anos.

Os pais, que procuram instituições pré-escolares, não transferem a responsabilidade da educação dos seus filhos, para os professores. Estes, apenas os ajudam, durante algumas horas do dia.

A criança não deve ser submetida a dois ambientes opostos. Por isso, pais e professores devem combinar esforços e trocar experiências.

É comum, porém, que alguns pais não se interessem ou não compreendam o que se faz com seus filhos. E é mais comum, que a pré-escola não ofereça alternativas de trabalho integrado.

É preciso ajudar os pais da criança, que cursa a pré-escola, a compreenderem-na em suas finalidades, seja qual for o tipo de programa que a criança desenvolve, oferecendo-lhes condições de participarem ativamente do currículo.

Apresenta-se a sugestão de um componente curricular para as pré-escolas, sob a forma de um Guia Prático de Orientação aos Pais.

Tal sugestão não encerra as discussões sobre o problema, nem oferece algo pronto e acabado. Por sua flexibilidade e abertura a adaptações à realidade da pré-escola que o utilize, é antes, a participação em uma nova atitude frente ao ensino pré-escolar e na criação de novo campo de atenção, na elaboração e implementação do currículo da pré-escola.

OBJETIVOS

Todo o trabalho que se refere à Pré-Escola deve colaborar para a sua valorização, como necessária e importante para o complemento da educação iniciada com o nascimento da criança e que vai até, mais ou menos, sete anos de idade, reconhecendo o ensino pré-escolar como um dos meios de a criança conhecer a si mesma e aos outros, acostumar-se ao seu convívio e descobrir a riqueza de suas potencialidades. A pré-escola é, portanto, mais que uma simples preparação para a escola de 1º grau e mais que um lugar seguro para a criança ficar parte do seu dia.

O presente trabalho se inclui na busca desse objetivo e sugere uma alternativa de caráter prático, que favoreça a participação dos pais no planejamento, execução e avaliação do currículo da pré-escola, reconhecendo que, no caso da criança estar envolvida nos dois ambientes, familiar e pré-escolar, não pode encontrar situações conflitantemente opostas, e sim complementares e enriquecedoras.

Por outro lado, importa também, oferecer um instrumento alternativo para a preocupação que deve existir na elaboração dos currículos da pré-escola, de contar, em todos os momentos, com a participação dos pais, através de informações e trabalho conjunto.

DEFINIÇÃO DE TERMOS

EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR - É um processo de assimilação gradativa de habilidades e conhecimentos, que inicia com o nascimento da criança e vai até, mais ou menos, os sete anos de idade - geralmente considerada ideal para o início da escolarização de 1º grau, elementar. Expressa o que antecede a escola como instituição formal de educação. É também, a idade do crescimento e desenvolvimento, não apenas físico, mas psíquico, mental e emocional, livre e espontâneo.

PRÉ-ESCOLA - O JARDIM DE INFÂNCIA - Instituição pedagógica criada para ser instrumento destinado a completar e a alargar a educação familiar da criança. Mais que uma preparação para a escola, a pré-escola fomenta o desenvolvimento do comportamento social da criança, com experiências e atividades vividas em comum. Por um lado, o Jardim de Infância garante a movimentação da família na sociedade extrafamiliar, sabendo que o filho está protegido e assistido. Por outro, ajuda na criação de pessoa independente e membro de uma comunidade. Todo Jardim de Infância, quer seja uma unidade independente, quer funcione integrado a uma instituição com outros níveis de ensino, requer

um grupo de pessoal especializado, que trabalha em conjunto, em função de um mesmo objetivo - diretor, professores, médico, auxiliares, assistentes sociais, serventes e outros, - formando uma organização educativa, que visa dar atendimento global às crianças, que nele convivem.

CURRÍCULO - Por currículo, se entende todas as experiências organizadas e supervisionadas pela escola e sob sua responsabilidade, selecionadas com base no critério de serem significativas para o desenvolvimento e formação máximos, completos e harmoniosos do educando integralmente, com vistas à sua auto-realização, às necessidades da sociedade e aos fins mais elevados de toda a humanidade. No pré-escolar, são todas as experiências resultantes de atividades oferecidas pela pré-escola à criança, para promover o seu desenvolvimento pleno e harmonioso e sua integração social.

PARTICIPAÇÃO DOS PAIS - O Jardim de Infância não substitui a família mas colabora no processo educativo, iniciado no lar. A pré-escola é apoio para a família, na educação da criança, e só poderá cumprir seus objetivos, quando a relação com a família é permanente e próxima. Tal relação não significa interferência mútua, mas sim um meio de evitar desarticulações e incoerências no desenvolvimento da criança. Entende-se a participação dos pais na pré-escola, através de contatos constantes com o pessoal docente, presença em reuniões, festas escolares e, principalmente, conhecimento real e consciente do trabalho que se faz com seu filho, trocando idéias, experiências, sugerindo, facilitando o relacionamento e o trabalho e avaliando resultados observados.

GUIA DE ORIENTAÇÃO AOS PAIS - É uma alternativa de que se dispõe para informar os pais sobre a educação pré-escolar , esclarecer dúvidas sobre a organização e o currículo da pré-escola que a criança frequenta e sugerir formas de participação efetiva, para um trabalho conjunto de pais e professores envolvidos no trabalho com crianças dessa faixa etária. É um instrumento de informação, que sofre adaptações, conforme a realidade da pré-escola que o utiliza.

METODOLOGIA

O presente trabalho pretende dar uma contribuição ao ensino pré-escolar, no que se refere à participação dos pais no currículo.

Durante dez anos de experiência, com crianças, em pré-escolas, em classe e na supervisão escolar, evidenciou-se a importância e a necessidade de conjugar os esforços nelas desenvolvidos, com os interesses dos pais das crianças que as frequentam.

Os dados para a sistematização da experiência foram sendo obtidos no dia-a-dia, no referido espaço de tempo: no convívio com as crianças, com os pais e com os professores; nas conversas informais; nas reuniões pedagógicas; nas Associações de Pais e Professores; nos Círculos de Pais; nas festividades escolares; nos Congressos sobre Educação Pré-Escolar; na eventual participação dos pais nas atividades curriculares; nos momentos em que os pais chegam à pré-escola, para conhecê-la, antes de efetuarem a matrícula.

Alguns momentos significativos dessa experiência são relatados no Capítulo III.

As contínuas observações permitiram que se concluísse que, se há participação dos pais, no currículo da pré-escola, nem sempre ela é adequada, pois os momentos que a propiciam não são muitos e há pouca preocupação em esclarecimentos e informações, de ambos os lados.

O ideal seria, não dicotomizar a responsabilidade e sim, enfatizar a participação conjunta, unificada, pensando na importância da proposta da pré-escola.

Os problemas de adequação da participação dos pais são mais graves no nível de Jardim de Infância, que atende crianças de quatro a seis anos, porque é o nível imediatamente anterior à escolarização regular de 1º grau e quase sempre, os pais supõem adiantamento dessa escolarização.

Nos momentos de dúvidas surgidas no decorrer da experiência, procedeu-se a uma verdadeira revisão de literatura, em obras de autores brasileiros e estrangeiros, o que constitui também, a fundamentação teórica do trabalho aqui apresentado.

A visão comparada em educação pré-escolar possibilitou a compreensão de grande número de problemas e a constatação de que pouca referência se faz à participação dos pais, pois ela é considerada natural, a partir do ingresso da criança na pré-escola. Poucas sugestões são oferecidas para torná-la efetiva e eficaz.

Pela revisão de literatura em obras de autores brasileiros e em resenhas de experiências realizadas em diferentes lugares e com diferentes crianças do Brasil, percebe-se que a maior

preocupação é com as classes menos favorecidas, e a educação compensatória, que na pré-escola brasileira é confundida com a assistência social, é a proposta dominante.

As obras estrangeiras poderiam explicar as experiências com a classe privilegiada, que reproduzem a estimulação precoce, oferecida por países mais desenvolvidos, graças à riqueza de estímulos vivenciados pela criança, que combinam com os pressupostos que a pré-escola tem para desenvolver seu currículo e ainda, com as expectativas dos pais, que, vendo a escola como fator de promoção social, exigem satisfações, também da pré-escola.

Observou-se também, que muitas obras sobre o assunto são repetitivas e outras, se referem a métodos pedagógicos que pretendem ajustar as crianças a eles e não, se ajustar às suas expectativas e necessidades.

Descobriu-se, portanto, o quanto importa entender a pré-escola, sem emprestar a ela práticas comuns à escola de 1º grau, mas reconhecendo-a importante por si mesma, como um instrumento de complementação à educação fornecida na família e principalmente, de socialização.

Nem todas as crianças em idade pré-escolar frequentam a pré-escola, mas as que o fazem somam as experiências vividas na família com as do currículo oferecido.

Porisso, procurou-se um meio prático de possibilitar a diminuição de influência dicotomizada, para as crianças expostas ao lar e à pré-escola.

Várias alternativas existem, relacionadas às A.P.Ps., aos Círculos de Pais, às reuniões formais e informais e às festas escolares.

Mas todas elas suporiam um trabalho posterior à elaboração do currículo e emergente às situações, conforme aparecessem.

Interessa uma alternativa, cuja proposta seja concomitante à do currículo da pré-escola, porque os pais devem estar envolvidos desde o início e estar sempre trocando experiências.

Portanto, a alternativa de caráter prático que se propõe é um Guia de Orientação aos Pais, que propicia acompanhar o desenvolvimento curricular, informando e esclarecendo, ao mesmo tempo que sugere momentos de participação efetiva, que incluem mesmo, as A.P.Ps., os Círculos de Pais e outras situações.

A linguagem utilizada no Guia procura ser clara, objetiva e breve. Por outro lado, a idéia é de que deve ser um instrumento flexível e aberto, que possa acompanhar as variações no currículo, naturais, porque a criança e seu meio estão sempre sofrendo mudanças.

O Guia de Orientação aos Pais não exclui outras possibilidades de sugerir participação, mas é uma situação prática que contém, na sua própria estrutura, a condição de se adaptar à realidade da pré-escola em questão, seja qual for o método, a orientação e a clientela com a qual trabalha.

A ênfase do trabalho está na importância da participação dos pais na pré-escola. Esta ajuda a criança a se conhecer e aos outros. Para que isso aconteça e aconteça da melhor forma possível, pais e educadores devem se unir na criação de condições para que se dê a educação pré-escolar.

CAPÍTULO I

A EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR E A PRÉ-ESCOLA - CONSIDERAÇÕES SOBRE O CURRÍCULO.

A expressão "*educação pré-escolar*" já se instalou definitivamente no panorama educacional do mundo.

Embora seja relativamente nova como terminologia, a realidade sócio-pedagógica que compreende, não é tão recente e expressa a preocupação existente com a educação de crianças, desde o seu nascimento, até a idade de ingresso na escola elementar, entre os seis ou sete anos.

A contribuição da psicologia, da sociologia e da biologia educacional, no que se refere à criança foi grande, na extensão do conceito de "*educação pré-escolar*" para além da fase do jardim de infância, de quatro a seis anos, reconhecendo de fundamental importância os três primeiros anos de vida, na formação do universo cognitivo, afetivo, social e, conseqüentemente, ambiental, da criança.

A educação pré-escolar é hoje, considerada prioritária e há uma forte tendência de ser entendida além de uma mera formalidade para as crianças socialmente privilegiadas, antes do seu

ingresso à escolaridade regular. Graças ao sentido de "educação" incluir mais que o conceito de "instrução", pode-se compreender a educação pré-escolar como um processo de aquisição de conhecimentos, atitudes e habilidades nos domínios da vida psíquica, intelectual, moral, afetiva, social, artística e espiritual do indivíduo, desde o seu nascimento, até seis ou sete anos, de maneira livre e espontânea, iniciada em ambiente familiar e complementada pela pré-escola, que contribui para ampliar o convívio social da criança, principalmente com outras crianças.

Nesta fase, entram também em jogo, aspectos biológicos, higiênicos, nutricionais, motores e verbais, além de percepção das pessoas e do ambiente, em um processo acelerado.

Esta aceleração, que caracteriza a maturidade desta faixa etária, demonstra porque não se deve negligenciar a educação pré-escolar, como auxiliar na organização desse processo.

Porisso mesmo, há os programas da chamada educação compensatória. Pretendem compensar as falhas supostas, dos três primeiros anos de vida, ou estimular precocemente as crianças que não possuem tais deficiências. Estes últimos, em geral, são programas seletivos, oferecidos a criança privilegiadas, embora se saiba que, muitas vezes, no lugar de carências materiais, nutricionais, biológicas ou verbais, há outros tipos de carências, principalmente afetivas.

O problema está em não confundir educação compensatória com assistência social. Normalmente, tomando como modelo a criança melhor situada economicamente, se pretende oferecer às de menor sorte, em um ou dois anos, amostras intensivas de uma vi-

vência que não é a delas, esquecendo que a independência e a autodidaxia destas crianças é valiosa também, na construção do seu mundo e pode não existir, no das mais protegidas.

Não seria o caso de deixar de lado programas de alimentação, saúde e assistência social, mas sim evitar chamá-los "educação", pois são programas de apoio. A educação pré-escolar deveria exatamente, estimular o convívio de todas as crianças, não importando sua origem e seu meio, pois é esta a realidade que a pessoa vive, socialmente.

A fase pré-escolar, iniciada na família e complementada pela pré-escola é um estágio de riquíssimo potencial educativo, pelo qual deveriam passar todas as crianças, com menos de sete anos de idade.

Como nem todas podem frequentar classes pré-escolares, há vários tipos de programas, instituídos oficialmente, que possuem proposta semelhante à da pré-escola.

O desenvolvimento da pessoa decorre de fatores endógenos (maturação anátomo-fisiológica e psíquica) e de fatores exógenos (ambiente físico e cultural, alimentação). A educação é um processo criado para organizar os fatores exógenos, respeitando a progressiva maturação, para que a pessoa realize o seu desenvolvimento de forma equilibrada e atinja de maneira mais completa, os objetivos de sua vida.

Tal educação não é um acontecimento exterior ao indivíduo, mas um processo que se realiza dentro dele. Na verdadeira educação, o ser humano se educa a si mesmo. O que se ensina à criança é apenas meio para que ela própria faça sua educação. Enquanto o que se conhece e sabe não foi incorporado ao modo de ser e viver, não houve educação.

É corrente hoje, a idéia de que o objetivo da educação é aprender a ser. Isso inclui a preocupação com os valores morais e uma formação adequada da inteligência. A pessoa aprende a aprender, isto é, não é um depósito de informações, mas alguém que, em contínua busca de conhecimentos, recebe-os e os utiliza, analisando-os criticamente diante dos fatos e dos problemas do seu dia-a-dia.

Aprender a ser inclui também, a formação da emotividade como impulso para a ação e da sociabilidade, para integração da pessoa a um grupo social, como participante e colaboradora.

Educação para aprender a ser é tarefa difícil, tanto para o ser que se auto-educa, como para o que o assiste. Inclui uma atitude de vida e, como consequência, o conhecimento.

Educar e auto-educar-se é difícil em qualquer idade, mas sempre possível.

Na fase pré-escolar, a criança tem capacidade para isso. O seu eu vem se desenvolvendo, desde a concepção, na direção das formas da vida adulta. Trata-se, apenas, de não esperar que ela tenha atitudes de adulto, mas que aprenda a se comunicar, a trabalhar em grupo, a ouvir, a respeitar o outro a experimentar emoções e o significado dos sentimentos, a descobrir e viver suas descobertas, a explorar o mundo que a cerca e dominá-lo com conhecimentos e habilidades.

Uma atuação estritamente familiar seria pobre para alcançar os objetivos da educação pré-escolar. Daí a importância da educação extrafamiliar, oferecida pelos jardins de infância, sendo isso mais relevante, numa época em que as famílias modernas tem poucos filhos e necessitam também, confiá-los às pré-escolas, enquanto trabalham.

O Jardim de Infância de hoje, é o reflexo da era industrial, cuja consequência foi a complexidade crescente do trabalho extrafamiliar. Os primeiros jardins de infância, que podemos situar na origem daqueles que hoje conhecemos, foram os Kleinkinderbewahranstalten, fundados no princípio da era industrial. Pestalozzi pediu a criação de escolas para os filhos das pessoas obrigadas a trabalhar fora durante o dia, estabelecimentos aos quais as mães, pressionadas pelas obrigações quotidianas, pudessem confiar os filhos, ainda não em idade escolar. Parece terem sido um auxílio social, cuja importância nunca pararia de aumentar com a crescente industrialização da Europa. Em seguida, sua evolução sofreu a influência notável de Froebel e Montessori.

Enquanto os primeiros tinham caráter escolar, Froebel foi o primeiro a considerar a natureza específica da primeira infância e o estágio de desenvolvimento de cada criança, individualmente. Criou estabelecimentos, que chamou de jardins de infância, comparando as crianças a flores de um jardim, e porque deveria sempre haver um jardim, para suas brincadeiras. Desde então, esta designação foi retomada em diversas línguas, o que demonstra a importância decisiva dos jardins de infância, em paralelo com a educação familiar, nos diversos países.

Maria Montessori contribuiu, a partir de experiências com crianças deficientes, elaborando um método que estimulava a personalidade, a atividade própria e a auto-educação, incluindo elementos importantes no plano social.

Até muito depois do início do século XX, o desenvolvimento dos jardins de infância dependeu muito do fato de as crianças pequenas estarem particularmente expostas, no plano de saúde. Numa época, em que ainda não se conheciam vacinas nem antibióticos, a aceitação de crianças nestes estabelecimentos estava submetida a rígidos regulamentos das autoridades sanitárias.

Com o aprimoramento constante das condições sanitárias, as tarefas pedagógicas, infelizmente às vezes, muito marcadas por reflexões teóricas e ideológicas, passam a concentrar mais a atenção nos jardins de infância, sem que, no entanto, as bases biológicas do desenvolvimento da criança e sua indispensável ligação à família tenham sido suficientemente consideradas.

Depois de 1958, provavelmente em consequência da sensação do primeiro sputnik, apareceram nos países ocidentais, tendências visando orientar a pedagogia, nas crianças de três a seis anos, sobre uma emulação intelectual e cognitiva (headstart programs), e a considerar a igualdade de oportunidades no plano social, apenas sob este aspecto exclusivamente cognitivo. Assim, as tarefas fundamentais de desenvolver na criança, a aprendizagem da vida em sociedade, facilitar a sua inserção social e manter a relação pais-filho, foram, momentaneamente, perdidas de vista.

Com o rápido aumento do número de pessoas empregadas nos jardins de infância, começaram a aparecer lacunas no nível da formação, que é, ainda hoje, muito menos orientada para a prática do que para um excesso de teoria, o que serve apenas para perturbar a visão que se tem da criança, ao invés de explicá-la.

Na pré-escola, não se cuida simplesmente da criança e nem, como já se supôs, pelas ressonâncias do termo "*pré-escolar*", se prepara, apenas, para a escola elementar obrigatória.

A formação de pessoal especializado, embora não muito difundida, é fundamental para a realização de um trabalho aceitável, pois as marcas da fase pré-escolar, são indelévels.

A pré-escola possui objetivos específicos e muito próprios. Embora não se negue o elo de continuidade entre a educação pré-escolar e a educação-escolar, é preciso reconhecer aspectos originais da educação pré-escolar.

Aquisição de hábitos nutricionais, higiênicos, relacionamento afetivo e fatores biológicos, desde o nascimento e por isso mesmo, antes da entrada da criança, em instituições pré-escolares, fazem parte da educação pré-escolar. Por outro lado, serviços médicos e sociais na educação da criança pequena, não eliminam componentes educacionais, antes, interagem.

Há ainda, dificuldades na compreensão da educação pré-escolar, relacionadas com as diversas formas que ela assume.

Há a tendência da preparação efetiva para a escola elementar; há programas de simples atendimento às crianças que precisam de um local para permanecer, enquanto seus pais trabalham; há estimulação precoce, que propõe um mais rápido instrumental para convívio em um meio competitivo de tendências pragmáticas; há a preparação precípua do indivíduo útil para o bem do Estado, de tendências socialistas; há programas assistenciais, que supõem a compensação de carências nutricionais, biológicas e afetivas, confundindo assistência e educação; há programas se

letivos para os bem-dotados ou para os infra-dotados; há atendimento a clientela seletiva formada pelos privilegiados, que respondem às expectativas de promoção social do meio. A toda essa variedade de categorias, se acrescenta a característica formal, quando são oferecidas por instituições, e a característica não-formal, dos programas livres, que funcionam em grupos de bairro, clubes, colônias de férias, etc.

A educação pré-escolar não é obrigatória, podendo os pais, confiar ou não seus filhos, a estabelecimentos pré-escolares.

Não se pode situá-los em uma média geral de faixa etária de atendimento, no panorama internacional. Cada país ou grupo de países estabelece suas idades-limite, para frequência à pré-escola.

O currículo das pré-escolas-jardins de infância- deve ajudar as crianças de quatro a seis anos, a adquirirem um comportamento social no grupo. Para não prejudicar a orientação social fundamental da criança na vida familiar, a integração no jardim de infância deve se fazer progressivamente, de preferência, em meio período.

Ao mesmo tempo, cada criança deve poder receber um ensino adaptado ao seu desenvolvimento considerando-se sua independência crescente e levando-a gradualmente a realizar certo número de tarefas, preparando-a também, simultaneamente para situações futuras, como as exigências da escolaridade e da vida profissional.

Não devendo ser considerada precisamente, como uma preparação para a escola, a educação no jardim de infância se baseia no jogo e na aprendizagem da vida em sociedade, em grupos de crianças de idades diferentes. Sempre que o jardim de infância, entendido como uma instituição que completa a educação familiar, contribui para desenvolver o comportamento social da criança, os resultados obtidos são obra de um trabalho não escolar, muito menos orientado para a palavra ou para a comparação das realizações, do que para atividades vividas em comum.

Os jardins de infância devem respeitar às condições indispensáveis para o desenvolvimento da criança, criando ambiente agradável, de acordo com a idade, material específico, pessoal especializado e participação efetiva dos pais.

Eis porque, na idade em que as experiências se adquirem, em primeiro lugar, em um processo sensório-motor, não nos devemos limitar a fazer intervir um ensino escolar antecipado, um ensino autoritário de sentido único. O pessoal preparado, o material adequado, a não especialização da criança e grupos não muito grandes de trabalho, garantem isso. As informações não devem ser transmitidas de forma essencialmente verbal e não se deve submeter a criança, a técnicas de ensino, de que, só mais tarde, virá a precisar.

Lembrando o "*jardim*" de Froebel, é fundamental o espaço amplo, para a criança realizar atividades. Deve-se observar o período de concentração, que varia, conforme a criança e o grupo, e dependendo do interesse que a atividade desperte. Por outro lado, é interessante haver flexibilidade, para atividades emergentes, inspiradas por situações não programadas e por objetos inesperados.

Pelas experiências sociais, o educador se aproxima mais das crianças, procura se fazer compreender em sua linguagem e ir, gradativamente, adquirindo a confiança delas.

É importante recorrer a recursos como excursões, brincadeiras ao ar livre, passeios na cidade, evitando prender as crianças a salas-ambiente pouco funcionais e que as coloquem pouco à vontade. As salas, as áreas livres, os materiais são das crianças. Deve-se respeitar suas idéias de organização e evitar dirigir, conforme pensam os adultos, suas ações no ambiente. Caso contrário, pode-se tirar toda a espontaneidade, criatividade e liberdade da criança.

Ao serem oferecidas atividades, deve-se observar a alternância entre elas, partir do mais simples para o mais difícil e cuidar que sejam integradas, sem aulas específicas, nem fragmentação do conhecimento.

O currículo da pré-escola é fundamental na formação de hábitos. Por isso, se faz necessário observar uma coerência, entre a sua proposta e as atividades que são oferecidas. A firmeza na atitude do educador é educativa, mas não a rispidez. Excesso de ordens, ordens negativas, podem inibir a criança. Prêmios, chantagens e ameaças de castigos criam tensão. Deve-se lembrar que, os resultados são atingidos gradativamente, conforme o ritmo da criança, e que tudo o que se propõe na pré-escola tem seus objetivos - não é um "depósito" de crianças, que devem ser ocupadas, para que o tempo passe depressa.

Não se pode esquecer que a criança fica apenas parte do dia na pré-escola e que uma maior parte, está junto à família. O desenvolvimento do currículo deve levar em consideração, to-

das essas influências e ser consequência de atuação conjunta , sem separações demasiado sensíveis, nem atitudes contraditórias.

Em qualquer momento, sem apelações demagógicas, a atenção deve ser centrada na criança e ela mesma - a partir de conhecimentos cada vez maiores de sua natureza - vai corrigir as eventuais falhas, orientando o currículo da pré-escola, na medida de seus interesses.

CAPÍTULO II

A CRIANÇA DE PRÉ-ESCOLA.

A pré-escola e sua proposta só tem razão de ser, porque existe a criança. É a ela, que a educação pré-escolar se destina - primeiro, no meio familiar apenas, e depois complementada também, pela pré-escola.

A família, compreendida no sentido tradicional, composta de vários membros, pais, avós, irmãos, irmãs, tios, tias, primos, todos cuidavam da educação da criança, ajudando-a na aprendizagem da vida, antes de sua entrada na escola.

Fatores recentes, como a urbanização, o trabalho da mulher, a complexidade e a luta da vida quotidiana deram lugar à chamada família nuclear, formada por pais e filhos somente. Desse modo, a sociedade passa a ajudar a família, que, por estar reduzida, não pode contar com outros membros, além dos pais, para atender, educar, cuidar da saúde e estimular seus filhos. Se ambos, pai e mãe, trabalham, mais difícil é essa tarefa. Por isso, criam-se as instituições pré-escolares, que vem auxiliar e complementar o trabalho iniciado pela família, embora não a substitua e sim, atue concomitantemente.

Por outro lado, a biologia, a psicologia, a sociologia e a filosofia aprofundam cada vez mais os conhecimentos sobre a criança. Tais estudos oferecem um referencial teórico-prático, essencial para a atuação familiar e extrafamiliar, na educação da criança de hoje.

Há quem se refira ao século XX, como o "*século da criança*", pois está marcado pela conquista, quase definitiva, do seu espaço.

Tendo perdido a caracterização de adulto em miniatura, de quantidade desprezível da população, de ser incapaz e perturbador da vida adulta, a criança vem recebendo cada vez mais, a atenção de pais, educadores, legisladores, artistas, escritores e estudiosos.

Em 1959, a Assembléia Geral das Nações Unidas redigiu a Declaração dos Direitos da Criança. Embora não seja tão recente, o texto não é muito conhecido. Em 1979, vivemos o Ano Internacional da Criança e a ONU possui um organismo especial para as crianças do mundo inteiro, a UNICEF. Mas, uma mudança de mentalidade não se faz, da noite para o dia, e nem é resultado observável ao final de algumas campanhas.

Sabe-se, porém, que a preocupação existe, cada vez maior.

Ao refletir sobre o Jardim de Infância, como instituição de educação pré-escolar, destinado a crianças de quatro a seis anos, para auxiliar a educação dada na família, antes do seu ingresso na escola, precisa-se procurar conhecer estas crianças, com o objetivo de entendê-las e oferecer-lhes, em um trabalho conjunto de pais e professores, cada vez melhores e mais adequadas condições de desenvolvimento.

Por "*desenvolvimento*", entende-se todos os processos de crescimento e diferenciação de um indivíduo, desde a sua concepção, até a maturidade, sob a influência positiva ou negativa do meio ambiente. Para isso, deve-se levar em conta, tanto as mudanças e processos de adaptação físicos, morais, psíquicos e linguísticos, como os que marcam o comportamento social.

Para avaliar a importância do jardim de infância na evolução da criança, não se pode perder de vista as tarefas a assumir, em função das relações estabelecidas entre a criança e seu ambiente social - pais, irmãos, outras crianças e outros adultos. Também, entre a criança e o meio material que a rodeia - brinquedos, domicílio, circulação rodoviária, dados geográficos, físicos e humanos. E ainda, entre a criança e seu meio intelectual - conhecimentos, aspirações, realizações da criança e valores prevaletentes no seu país e na sua época.

Durante a primeira infância, é mais acentuado o desenvolvimento do sistema nervoso central, que é o órgão de comunicação com o meio ambiente. A maturação dos órgãos sensoriais e do cérebro é acompanhada por modificações mensuráveis das capacidades físicas e psíquicas, por mudanças na capacidade de percepção e por um comportamento social diferenciado, conforme a idade, quanto às relações com os pais, os irmãos, as outras crianças e os outros adultos.

A esse crescimento, corresponde uma fase de desenvolvimento particularmente sensível aos fatores externos. Esta dependência ao meio ambiente e o fato desta época marcar, de forma determinante, a personalidade para a vida futura, não tem sido bastante considerados. Há também, uma certa subestimação ge

ral do direito à formação durante a primeira infância, principalmente os três primeiros anos de vida, muitas vezes não incluídos nos programas de educação e negligenciados pela família.

Após os três anos de idade, os processos originados pela relação com o meio ambiente deixam de ter, fundamentalmente, uma função de estruturação, para terem uma função de diferenciação, que recorre às estruturas existentes.

Verifica-se, por isso, que existe entre as diversas idades, diferenças no plano da força física, da duração da capacidade de concentração, da consciência das tarefas a realizar e da capacidade de integração de informações transmitidas oralmente.

O desenvolvimento da capacidade de percepção na criança pequena, depende, em grande parte, do desenvolvimento fisiológico sensorial e corresponde muito mais, a um estágio sensório-motor do que a um estágio de intelectualização verbal. Tanto este dado biológico, como as informações sobre a importância do período sensível do desenvolvimento, ou seja, os três primeiros anos de vida, mostram claramente o caráter insubstituível da educação familiar, durante esta fase, e explicam os efeitos permanentes da presença ou da ausência de processos educativos fundamentais.

O desenvolvimento social e do caráter, no plano das relações, desempenha um papel determinante na evolução da criança, em direção à vida adulta. O processo primário de aprendizagem do contato afetivo, determinado, desde os primeiros dias de vida, através do contato mãe-filho, é um elemento essencial nesse desenvolvimento.

Após essa fase, a criança adquire a capacidade de conver progressivamente com outros membros da família e, mais tarde, com outras crianças, outros adultos e outros grupos de pesoas.

Ao mesmo tempo, a criança explora pessoalmente um meio estranho, capacidade que baseia uma independência própria, em crescimento. Aos quatro anos, mais ou menos, ela vai se libertando da principal pessoa de referência e alargando os pontos de contato, além do círculo familiar, até poder passar algumas horas, sem a presença da mãe. Pode-se então, iniciar a integração progressiva em estruturas de educação extrafamiliares. É comum as crianças sofrerem com a separação da mãe. Por isso, cabe à professora, ter o bom senso de estabelecer uma adaptação progressiva, quanto à presença ou ausência materna, e tempo de permanência da criança na pré-escola, nos primeiros dias.

Cabe lembrar, que não se deve quebrar, bruscamente, os laços mãe-filho e, se possível, não adiantar a época de separação, superestimando a educação em instituições. Por outro lado, o meio familiar deve conservar, para cada criança, até depois do início da escolaridade, a sua função dominante quanto à formação do indivíduo e constituir o ambiente, no qual a criança passa parte importante do seu tempo.

Em respeito à autonomia progressiva da criança e na dominância regressiva da família, a faixa etária de quatro a seis anos possui um caráter de equilíbrio, entre as duas formas de crescimento, que pode ser melhor garantido, se pais e professores interagirem, na pré-escola, para auxílio mútuo.

Não significa, porém, reproduzir em casa e na pré-escola, padrões coerentes com a vida de adulto e nem métodos que deram certo, no tempo em que seus educadores eram crianças.

A criança de hoje sofre a influência relevante dos meios de comunicação social, que torna obsoletas, informações recentemente divulgadas. Essa influência é discutível, mas inexorável.

Deve-se evitar também, projetar frustrações de sua infância na criança, obrigando-a a ser bem sucedida em aspirações não resolvidas pelos adultos, que estão em contato com ela. Isso se aplica ainda, às experiências que se queira fazer com a criança. Ela é uma pessoa, não uma "*cobaia de laboratório*". Deve ser respeitada em sua individualidade, permitindo-se-lhe viver emoções como raiva, medo, frustração, perda, amor, alegria, dor, sofrimento, prazer.

A educação das crianças é dever do pai e da mãe e não apenas de um deles, salvo situações irreversíveis. É prejudicial colocá-la, também, como centro de disputas entre os pais ou entre pais e professores.

Uma situação bastante comum, é os pais compararem os progressos de seus filhos com os de outras crianças, procurando as causas das diferenças em diversos fatores, principalmente na escola. A pré-escola deve ter claros e acreditar nos seus objetivos, para evitar que exigências absurdas, comumente originadas nessas comparações, tornem-se práticas comuns do currículo.

A criança deve ser respeitada no seu modo e capacidade de ser, e na sua fase de crescimento específica. Cada uma tem seu ritmo. Em geral, não são problemáticas, nem difíceis, nem atrasadas, nem endiabradas, nem insuportáveis. Adjetivos como esses, resquícios de uma mentalidade que tem a criança por um "mal necessário", qualificam muitas vezes, crianças que apresentam perturbações de comportamento, causadas por disfunções orgânicas ou psicológicas, ou ainda, porque são educadas em ambientes nocivos. A criança aprende o que vivencia.

É necessário que, por isso, todos os profissionais - professores, médicos, psicólogos, assistentes sociais - envolvidos com a criança, estejam em contato com os pais, para a troca de informações e na busca de acertar nas atitudes tomadas. Por outro lado, o lazer e as férias existem para propiciar maiores chances de convívio familiar, podendo, em caso de não combinarem com os períodos de lazer e férias da família, recorrer-se a programas de colônias de férias, alguns muito bons, com recreação orientada por pessoal especializado.

Importa, por tudo que a criança precisa ter, para viver sua vida de criança, em uma rica fase de evolução, que está vivendo, deixá-la conquistar seu espaço, em um mundo, predominantemente, dos adultos. Muitos já a compreendem e a ajudam nesta conquista, mas muito ainda, está por fazer.

A pré-escola, como instituição de educação extrafamiliar, complementar e concomitante ao trabalho iniciado pela família, tem papel fundamental no processo de conquista de espaço pela criança. O mais importante é não esquecer que antes de mais nada, a criança é rica em potencialidades, capaz de reconhecer

seus caminhos, sob orientação, mas não sob coerção e limitação, decorrente de sua condição de criança. Justamente ao contrário, o fato de ser criança lhe abre todo um universo de descobertas e de ação, na construção de seu mundo.

A educação pré-escolar é considerada prioritária, no panorama da educação nacional e internacional. Convém salientar, que os motivos para se estabelecer tal prioridade, devem ser originados na própria criança e na sua necessidade de aprender a ser, aprender a aprender. Não cabe camuflar razões políticas e ideológicas, que em sua essência, podem se transformar em mais uma forma de violência aos direitos da criança, tornando-a instrumento e não sujeito, na sociedade em que vive.

É comum, por outro lado, criticar de forma velada, programas destinados a crianças consideradas privilegiadas, socialmente, em favor de programas para crianças menos favorecidas. Não é justo usar a criança como apelo, porque se sabe que há excelentes programas, oferecidos a grupos de crianças privilegiadas e que muitos dos programas que atendem às chamadas "*crianças carentes*", não chegam nunca, e nem se esforçam muito para isso, a atingir seus objetivos.

As crianças aí estão. Constituem mais de metade da população mundial, mas sua participação na organização da própria vida é irrelevante. Cabe-nos, não apenas no Ano Internacional da Criança, chamar a atenção para esta maioria silenciosa. E neste contexto, cabe também, à família e à pré-escola, o dever de garantir o respeito aos direitos da criança.

CAPÍTULO III

OS PAIS NA PRÉ-ESCOLA: RELATO DE EXPERIÊNCIA.

Quando se fala em dez anos de experiência, pode-se estar fazendo referência a um ano de experiência e nove de repetição, ou dez anos de constante estudo, investigação e aprendizagem.

Nosso trabalho com crianças de pré-escola foi sempre marcado pela preocupação em descobrir caminhos mais adequados à tarefa pré-escolar, em instituições extrafamiliares. E muito se aprende, no dia-a-dia de convívio com as crianças e no apoio bibliográfico, a que recorreremos, para soluções de problemas e fundamentação teórica de situações curriculares.

Iniciamos, trabalhando com classes de crianças de três e quatro anos, passando às de crianças de cinco e seis anos. Logo depois, trabalhamos na supervisão escolar de uma escola particular, tradicional, onde além da luta pela mudança de mentalidade quanto ao trabalho de supervisão, foi necessário descobrir mecanismos para contato constante com os pais, porque a escola toda, não só no nível pré-escolar, tinha a tarefa, preconcebida pelos pais, de seguir todas as suas sugestões e sofrer comparações indiscriminadas, com outras escolas da comunidade.

Não foi um trabalho fácil. A par de nossa pouca prática em convívio com os pais, tínhamos aos seus olhos, o "*grave defeito*" da pouca idade e não raro, ouvíamos comentários por ainda não termos filhos e por isso, desconhecemos a maior parte de suas razões.

Quando trabalhávamos em classe, sentíamos o desentrosamento e a incompreensão dos pais com as atividades desenvolvidas, mas, naquela circunstância, pouco podíamos fazer, para sua participação efetiva.

Na Supervisão Escolar, no entanto, compreendemos o quanto era difícil, trazê-los ao convívio da escola e fazê-los compreenderem a nossa proposta.

Isso porém, não é culpa total deles. Principalmente no que se refere à pré-escola, há muitas que são organizadas por pessoas que não conhecem a criança, nem os rudimentos da proposta da educação pré-escolar e existem simplesmente para responder às constantes exigências de pais, que a vêem como um início precoce da escolaridade de 1º grau.

Sempre houve, no entanto, pais interessados em um trabalho paralelo ao da pré-escola, que nos ensinaram muito sobre as diversas possibilidades de trocas enriquecedoras de experiências, pensando no bem-estar geral da criança.

A convivência com pais de tendências opostas, foi sedimentando o nosso interesse, em buscar instrumentos práticos para sua participação, no currículo da pré-escola.

Antes, porém, de sua concretização, fomos convidados a criar, em outra escola da comunidade, também tradicional, de clientela de nível social privilegiado, o ensino pré-escolar e as séries iniciais de 1º grau. No colégio, já havia o 1º grau, de 5.^a à 8.^a série, e o 2º grau.

Novamente na supervisão escolar, partimos para o trabalho que nos fora proposto. Era um desafio, pela sua dimensão mas, ao mesmo tempo, outra oportunidade para ampliar a experiência. Poderíamos, inclusive, testar níveis de participação dos pais no currículo.

Compreendendo que, é melhor tornar a escola de 1º grau - séries iniciais - semelhante à pré-escola, que tornar a pré-escola semelhante à escola de 1º grau, procuramos estabelecer um processo curricular integrado, desde o jardim de infância, até a 4.^a série, sistematizando gradativamente o ensino, mais ao final da 3.^a série e da 4.^a série do 1º grau, com vistas à continuidade, em direção às séries finais do 1º grau.

Os professores deveriam planejar juntos, trocar experiências e compor um grupo único, sem divisões, conforme fossem da pré-escola ou das séries iniciais do 1º grau.

O currículo não foi elaborado de imediato. Passamos um ano estudando possibilidades e aprendendo com as crianças, que de início, formavam um grupo pequeno.

Aproveitamos para testar alternativas que levassem à participação dos pais e conseqüente compreensão do nosso trabalho.

Muitos pensaram, no entanto, que pretendíamos, por insegurança, garantir a sua adesão, e passaram a tentar nos dizer o que fazer. Infalivelmente, vieram as comparações com as outras escolas e o que nelas se fazia, em favor do adiantamento da escolaridade de 1º grau.

Foi um período, em que procuramos explicar os nossos pontos de vista e era compensador, quando alguns pais nos transmitiam sua compreensão sobre nosso trabalho, apesar de algumas falhas, durante sua realização. Mas as falhas sempre foram usadas como exemplos, na tentativa de acertar, como forma de aprendizagem e avaliações constantes.

Ao final de mais de um ano de trabalho, surgiu um instrumento legal, uma Indicação do Conselho Estadual de Educação, que embora exigisse a elaboração imediata do plano curricular, veio apoiar algumas de nossas reivindicações, quanto ao conteúdo para as atividades, sobre a faixa etária de atendimento, no jardim de infância e para ingresso na 1.^a série do 1º grau.

Elaboramos um plano curricular baseado totalmente na nossa realidade, mas cuidamos em conservar uma postura flexível, que permitisse constantes reformulações, o que continua havendo.

Ao mesmo tempo, tentamos criar condições de envolvimento dos pais, nem sempre bem sucedidas, mas compensadas pela crescente procura da escola, para matrículas. Isso nos obrigou a estabelecer limites no número de alunos por classe, pois corria risco a qualidade do trabalho.

Os pais sempre tiveram livre acesso à escola, embora nem sempre com a intenção de ajudar e muitas vezes, apesar dos esforços em contrário, mal informados sobre a nossa proposta.

Foi então, que cresceu a idéia da elaboração de um Guia de Orientação aos Pais, como alternativa prática para a sua participação efetiva. Não houve tempo, de testar a sua eficiência e eficácia, mas é totalmente baseado na experiência realizada.

Tentaremos expor alguns momentos significativos desta experiência, em trabalho com os pais na pré-escola, que mostram claramente, quanto é necessário existir instrumentos práticos, que expliquem a importância, o valor e a proposta da pré-escola.

MOTIVOS PARA A ESCOLHA DE INSTITUIÇÕES DE ENSINO PRÉ-ESCOLAR. A maior preocupação diz respeito à preparação da criança para a escola de 1º grau, e até mesmo, para o vestibular. Há ainda, mães que querem ter tempo livre para suas atividades e adiantar a época de seus filhos ingressarem na pré-escola.

Outros pais, porém, procuram instituições que preservem a espontaneidade da criança, permitam o convívio com outras crianças e possibilitem a complementação e a concomitância com a educação dada na família.

VISITAS À PRÉ-ESCOLA, À PROCURA DE MATRÍCULA. As preocupações se assemelham às anteriores. Os pais querem saber se as crianças são alfabetizadas na pré-escola, se há uma continuidade nas séries posteriores, qual o método de ensino. Muitos têm idéias preconcebidas sobre diversos métodos, informados por amigos ou em outras pré-escolas. Gostam de saber o número de crianças em cada sala, a qualificação dos professores, se a mãe pode

permanecer na escola, nos primeiros dias - algumas permanecem mais de um mês; outras ficam mais ansiosas que as crianças, transmitindo ansiedade, demonstrando não confiar na escola, transmitindo insegurança às crianças.

A INDEPENDÊNCIA PROGRESSIVA DA CRIANÇA -

A maioria dos pais, e mesmo dos professores, não compreende que a criança se desliga, progressivamente, dos laços maternos. Nem sempre, a criança aceita ficar desde o início, na pré-escola. Choram, querem ir para suas casas.

Há mães grávidas, que acham que, por estar vindo um outro filho, é hora da criança ir para a escola e nem lhe contam as razões. Naturalmente, a criança já sentiu que há alguma novidade por aí, e resiste a ficar na pré-escola, podendo, inclusive reagir negativamente ao recém-nascido.

Outras crianças, como resultado de ameaças constantes, acham que ingressam na pré-escola por castigo. Outras ainda, percebem as dúvidas e a desconfiança dos pais, em relação à pré-escola.

Cabe aos pais e aos professores, em conjunto, com bom senso, estudar as melhores formas de adaptação, para cada criança.

AS IDÉIAS SOBRE O CURRÍCULO, A ALFABETIZAÇÃO, AS OUTRAS ATIVIDADES - Os pais que se interessam pelo trabalho realizado com os filhos, na pré-escola, demonstram vários tipos de preocupação. Muitos deles, influenciados pelos testes de seleção ou classificação para a 1.^a série do 1º grau, que algumas escolas realizam, estão constantemente perguntando sobre a existência ou não, de algum tipo de atividade, e quais os objetivos perseguidos.

Há os que consideram essencial, a alfabetização na pré-escola. Entendem-na não como um processo gradativo, subjacente a cada experiência integrante do currículo, que se dirige a uma prontidão. Alfabetização, em geral, significa, para os pais, o conhecimento das letras, das sílabas e das palavras, no sentido estrito. Por outro lado, compreendem que, se alguma outra criança já está pronta para aprender a ler, o seu filho, sem dúvida, também está. Muitas e detalhadas explicações são dadas aos pais, sobre o processo de alfabetização, mas nem sempre, eles se convencem.

Quanto às atividades, há uma tendência em valorizar algumas, sobre as outras. Por exemplo, atividades artísticas e de educação física são consideradas menos importantes que as de recorte, de pintura nos limites, de desenhos, de seriação, de correspondência biunívoca. É preciso explicar que todas tem seu valor e quase todas, podem ser consideradas "artísticas" e de "educação física", pois encerram metodologias de trabalho e objetivos semelhantes. Há mesmo, pais de meninos preocupados com atividades que consideram femininas e pais de meninas, que esperam, por causa da organização mista das turmas, atividades dirigidas especialmente ao grupo de meninas, como no seu entender, o ballet. Muitas vezes, há a surpresa de verem seus filhos não gostarem de judô e suas filhas preferirem o judô, ao ballet.

Há pais querendo também, que a pré-escola ofereça o inglês, quando nem o português é dominado pelas crianças, ainda.

Outros, acham que seus filhos estão sendo limitados nas suas capacidades, por causa do ritmo da turma e por terem condições de melhor desempenho, que o exigido pelas atividades.

As discussões sobre o "método" são das mais diversas. Importa dar um nome, - Montessori, eclesíaco, Freinet, Decroly - mesmo que não compreendam a sua orientação de trabalho. É comum, impressionarem-se pelas orientações piagetianas. Quando explicamos que fundamentamos o currículo na pedagogia de Montessori, de Piaget, nas tarefas evolutivas de Havighurst e trabalhamos conforme o grupo de crianças e os recursos de que dispomos, muitas vezes, esmorece o seu entusiasmo pela escola.

Há muitos pais, que procuram a escola, por causa da orientação religiosa. Neste trabalho, no entanto, como em tantos outros, precisamos trabalhar junto com a família. Educação religiosa é, principalmente, feita pelo exemplo.

Há também, os que consideram tarefas para casa, educativas, na criação de hábitos de estudo. De preferência, no seu ponto de vista, em cadernos, como ocorre na escola de 1º grau. Aos desenhos para completar, aos exercícios de recorte ou colagem e outros, adequados à fase das crianças em geral, não é dado o mesmo valor. O material, quando volta, vem danificado ou mesmo, com os exercícios feitos pelos pais ou irmãos mais velhos, para ficarem perfeitos.

Na formação de hábitos, também existem algumas divergências. Há pais que nunca mandam o material para higiene, nem conservam limpas as lancheiras das crianças. Outros, não admitem observar seus filhos em atividades de limpeza, varrendo, catan-

do papéis, organizando material. Outros ainda, tem o hábito de mandar dinheiro para as crianças adquirirem o lanche na cantina, facilitando a predominância das balas, dos doces e dos refrigerantes. Há também, os que não respeitam as horas de entrada e saída, estabelecidos pela escola.

Quando a criança realiza, com facilidade, as atividades do currículo, ou estas são muito fáceis, ou seus filhos são especialmente dotados. Caso contrário, a pré-escola está exigindo demais, ou os professores não são bons.

As brincadeiras, essenciais no jardim de infância, são aceitas, desde que a criança não se suje e não corra o risco de se machucar, o que nem sempre pode ser evitado.

É dado muito valor à disciplina mais rígida, às filas e à organização do ambiente da sala. Em geral, os pais consideram melhor, a criança manter absoluto silêncio durante as atividades. Houve casos, com a convenção das filas, para entrada e saída dos locais de atividade, em que as crianças evitavam se afastar de onde, em geral, eram perfiladas, para não perderem o seu "*lugar na fila*". Por isso, acabamos com as filas.

Para excursões pela cidade e saídas da escola, os pais que não as consideram "*perigosas*", apesar da companhia e vigilância constante dos professores, preferem ônibus especiais, considerando anti-higiênico e quem sabe, muito "*popular*", o uso de ônibus de linha comuns, embora saibamos que em uma cidade grande, aprender a andar de ônibus, faz parte da vida das pessoas.

A educação sexual é considerada muitas vezes, tarefa da pré-escola, assim como da escola. Mas, semelhante ao caso da educação religiosa, fundamental é o exemplo em casa. A pré-escola, como a escola, pode responder a questões biológicas e fisiológicas, mas a educação sexual, propriamente dita, ocorre no exemplo de convívio harmonioso e de expressão do amor mútuo dos pais.

A chegada das férias, também causa uma situação muito comum. Há pais que, mesmo diante dos filhos, demonstram considerar as férias, porque as crianças permanecem todo o dia com eles, um período de perda de sossego.

As doenças da primeira infância - e mesmo a escabiose e a pediculose, - comuns às crianças desta faixa etária são, frequentemente, tidas como consequência do convívio na pré-escola. Não se pode dizer, que não haja verdade nesta afirmação, mas a pré-escola não é o único ambiente de grupo, que a criança frequenta.

OS PROFESSORES E OUTROS MEMBROS DA EQUIPE DA PRÉ-ESCOLA-
Os professores são objeto de grande preocupação, por parte dos pais que estão sempre na pré-escola. Não raro, são comparados, uns aos outros, e parece às vezes, que deveriam ser semelhantes, sem características próprias de personalidade e atitude.

Por outro lado, é frequente a necessidade de lembrar aos pais, que os professores tem formação especializada, não são escolhidos aleatoriamente, sem comprovação de suas habilidades para o trabalho e nem são "empregados" dos pais, que se julgam no direito de criticá-los e impor atitudes, que consideram mais acertadas, sem aceitar argumentos em contrário, defesas, nem desculpas.

É comum, os professores serem vítimas de preconceitos , por parte de pais, relacionados às roupas que usam, ao jeito de falar, ao fato de terem ou não veículo próprio, à aparência em geral.

Quanto aos outros membros da equipe da pré-escola, não é menos comum sofrerem o mesmo tipo de tratamento e, muito embora, sejam constantemente explicadas as funções da Direção, da Super_uvisão Escolar, da Orientação Educacional, há uma tendência gene_uralizada de os pais confundirem e até mesmo, de desconhecem seu trabalho.

Ocorre também, situações que colocam as crianças contra o pessoal da pré-escola, porque há pais, que, por qualquer moti_uvo, ameaçam relatar atitudes negativas em casa, à diretora, à supervisora ou à orientadora educacional. Naturalmente, as crianças deformam a imagem que tem dessas pessoas e passam a temê_ulas.

Precisamos sempre lembrar, que a desconfiança dos pais é transmitida às crianças e depende muito da imagem que eles ajudam a fazer dos professores, o convívio adequado destes, com seus alunos.

AS ATIVIDADES PARALELAS À PRÉ-ESCOLA - Está mais que com_uprovado, o valor das horas de lazer e de convívio da criança , com a família. Há, no entanto, pais que matriculam seus filhos em aulas de música, de línguas, de nataçã_o, de ballet, de judô, de tênis, sem deixarem uma parte do dia das crianças, livre para que elas escolham suas atividades. Convém reconhecer, também , que na idade pré-escolar, não se deve "especializar" a criança, em determinada atividade.

Acontece também, de muitas vezes, tais atividades paralelas serem mais valorizadas, pelos pais, que a própria pré-escola.

A RELAÇÃO ENTRE PAIS E FILHOS E O AMBIENTE DE CASA - É comum os pais pedirem nossa opinião sobre a influência da televisão, nas crianças. Mas, ao manifestarmos nosso pensamento sobre programas a serem selecionados e outros, a serem evitados, incluindo horário, recebemos respostas que demonstram, que a televisão é parte integrante da vida familiar e, quase nada, os pais podem ou querem fazer, para estabelecer critérios de escolha dos programas.

Outros não sabem quais, nem quantos livros devem possuir em casa. Outros, mesmo que tenham condições para isso, quase nunca vão além da praia, em suas viagens com os filhos. Há os que viajam, somente o casal, com frequência, deixando seus filhos em casas de parentes e com outras pessoas, desregulando os hábitos das crianças e exigindo constantes adaptações delas, a ambientes e pessoas diferentes.

Há um descuido muito grande, em permitir a convivência frequente com babás e empregados da casa, que geram, nas crianças, atitudes rebeldes, ou hábitos verbais e de higiene, não adequados. Com frequência, muitos medos e comportamentos negativos tem origem nessa convivência, e são observados na pré-escola.

Algumas famílias tem outros parentes morando junto e, embora haja, em algumas situações, conseqüências positivas, há, em outras, orientações conflitantes quanto à educação das crianças.

Outras vezes, há pais que consideram dever exclusivo das mães, a educação dos filhos, enquanto se ocupam apenas, do provimento material da família.

Há famílias, nas quais jamais é permitido à criança, participar efetivamente, conforme seus desejos e interesses, e em algumas, são escondidos dela, casos de morte, separação, gravidez e doenças.

Todas essas situações geram insegurança e provocam, inclusive na pré-escola, atitudes negativas difíceis de serem trabalhadas.

Há pais também, que desenvolvem atitudes superprotetoras ou muito severas, em relação aos filhos. Não lhes permitem brincar com outras crianças, nem desarrumar suas coisas, nem se sujar, nem expressar emoções como choro, raiva e alegria. Decorre daí, que muitos não sabem nem por onde começar, para conviver com outras crianças e adultos, nas atividades e isso, supondo que concordem em permanecer na pré-escola ou que cheguem a confiar em alguém, suficientemente, para abandonar, por algumas horas por dia, os laços familiares.

A PARTICIPAÇÃO DOS PAIS NA PRÉ-ESCOLA - Nossas alternativas de participação efetiva e informação, dos pais das crianças da pré-escola, tem sido as festas escolares, os aniversários das crianças, as reuniões e os avisos enviados para casa.

Quanto aos avisos, há pais que nem os lêem. Não raro, vem à pré-escola ou telefonam pedindo informações relacionadas, justamente, àquelas, recentemente enviadas para casa.

Nas reuniões, que procuramos fazer frequentemente, seja com os professores, com a direção, a supervisão escolar e a orientação educacional, ou seja com médicos pediatras, assistentes sociais, psicólogos, dentistas e outros profissionais, comparecem, quase sempre, os mesmos pais. Há, entre eles, os que consideram os assuntos tratados, óbvios, que não justificam uma reunião, e há os que prestam a devida tenção. Há também, os que querem, em reuniões gerais, tratar do caso específico do seu filho. Há ainda, os que vem após o horário da reunião, ou telefonam e pedem que lhes seja repetido, em particular, tudo o que foi dito e decidido. Tentamos realizar reuniões, cujas pautas foram decididas pelo próprio grupo de pais, e mesmo reuniões de estudo, sobre assuntos escolhidos por nós ou por eles. Os resultados, porém, foram semelhantes.

Para as festas escolares e os aniversários das crianças, os pais eram convidados. Com eles, no entanto, vinham as madrinhas, os avós, as tias, as vizinhas e outras pessoas, de tal forma que, chegava a haver mais adultos que crianças, na festa, muito embora, os participantes principais fossem as crianças.

Quando tentamos expor o problema e diminuir a frequência dos adultos, pareceu a eles, que não queríamos a sua presença.

Apesar de todas as consequências e problemas de interferência dos pais, em nome da sua participação, preferimos os que estão próximos e em contato constante conosco. Só assim, se criam possibilidades de participação efetiva e enriquecedora no currículo da pré-escola.

Por outro lado, reforçamos que, são muitos também, os pais, cujo auxílio, participação, disponibilidade e interesse, nos possibilitam melhorar nosso trabalho. As críticas construtivas e as sugestões que recebemos destes pais, nos dão os mais reais subsídios para a ação curricular, pois são uma amostra das aspirações da comunidade, à qual a pré-escola pertence.

O Guia de Orientação aos Pais, proposto por nós, sugere informações e participação, originadas nessas experiências quotidianas, na pré-escola.

CAPÍTULO IV

A PARTICIPAÇÃO DOS PAIS NO ENSINO PRÉ-ESCOLAR, NO BRASIL E EM OUTROS PAÍSES.

Quanto mais fundamentada a necessidade de um trabalho concomitante, da pré-escola e da família, prestando-se à socialização e desenvolvimento progressivo da criança, sem dicotomias de valores e atitudes, mais se reconhece a importância da participação dos pais, de forma efetiva e eficaz, no ensino pré-escolar, em sucessiva e enriquecedora interação, com o pessoal que trabalha o currículo da pré-escola.

Os pais podem participar, na pré-escola, de diversas maneiras. Podem pertencer ao quadro do pessoal remunerado, ou auxiliar, em trabalho voluntário, não remunerado, participar nas decisões referentes ao currículo e, também, ser considerados fonte de recurso, do processo educativo.

A participação dos pais não deve estar submetida a condições especiais, para sua efetivação, como por exemplo, apenas no caso de países menos desenvolvidos. A todos, sem exceção, interessa a troca de informações e uma crescente formação, para melhor desempenho, junto à criança pré-escolar.

Convém reforçar, que participação conjunta não significa interferência mútua, mas atitude aberta e receptiva. Vários adultos estão em contato com a criança da pré-escola. Portanto, contatos frequentes devem ser estabelecidos, entre professores e pais, assim como entre pais, assistentes sociais, médicos e outros profissionais, permitindo que se considerem os vários aspectos do desenvolvimento da criança, e que se adote uma abordagem comum, frente ao desenvolvimento da criança em geral e, na medida do possível, de cada criança, em particular. Isto pode significar também, a iniciação de pais nos princípios gerais da educação, da evolução das crianças, de noções de higiene, nutrição, etc. Tais princípios podem ser veiculados pelos meios de comunicação, pelos cursos de educação de adultos, pela extensão das Universidades, a serviço da Comunidade e por outros programas de educação comunitária, além da própria pré-escola.

Os relatos sobre a educação pré-escolar, nos diversos países, demonstram que há discussão e debate sobre a necessidade de envolver os pais.

Mães principalmente, e professores pré-escolares, em todos os países, comumente se encontram e discutem os problemas da criança. Há uma demanda por maior envolvimento da parte de alguns pais. Eles querem influir nas escolhas do currículo, no planejamento e na organização da pré-escola. Isso é mais evidente na Suécia, na Inglaterra e na República Federal da Alemanha.

Nem todos os países são totalmente a favor da expansão de programas pré-escolares. As razões mais comuns, apresentadas, são: o alto custo, a exposição das crianças a doenças infecto -

contagiosas e até, dúvidas sobre a remoção das crianças, do cuidado exclusivo dos pais, quando ela ainda pode precisar da experiência de convívio estreito com a mãe. Reconhece-se, porém, que a ação da pré-escola está se tornando cada vez mais necessária, frente aos problemas da vida moderna, que mantém os pais, parte do dia - ou todo o dia - longe de casa.

Por este motivo, vários países estão realizando experiências para melhorar as relações dos pais com a pré-escola, com a pretensão de diminuir o provável impacto causado na criança, pela necessidade de conviver, em ambos os ambientes - o familiar e o da pré-escola.

Em muitos casos, os pais são simplesmente recebidos no estabelecimento para conversas informais, visitas a exposições de trabalhos das crianças, ou para assistirem a festas organizadas pela pré-escola.

Outras situações, estimulam uma participação mais ativa, por parte dos pais. Muitas associações de pais atuam na gestão e na administração do estabelecimento - ajudando na sua construção, promovendo melhorias e organizando conferências e seminários destinados aos próprios pais. Isso permite ampla troca de idéias entre eles e há alusões até, à sua iniciação na observação das crianças e das atividades infantis. Há também, em alguns casos, auxílio direto dos pais, nas atividades escolares - em visitas ou em viagens, por exemplo - ou na preparação de festas e exposições, ou ainda, na construção de parte do material educativo.

Quase todos os países tem, como parte integrante das suas Constituições e dos seus documentos legais, referências à responsabilidade direta dos pais e da comunidade, na educação dos seus filhos. Cabe, então, aos pais e educadores, o dever de não deixar ficar, apenas no texto legal, a possibilidade de exercerem influência direta, na escolha do tipo e da forma de educação para as crianças, sem contudo esquecerem que a criança mesma, tem muito a sugerir, sobre a educação que recebe. Basta aprenderem a ouvi-la.

A atitude dos pais tem efeito direto nas crianças, quando estudantes. Uma das situações, que devem preocupar aos que se ocupam da educação, consiste em aumentar o envolvimento dos pais, nos problemas da educação pré-escolar.

Procura-se dar, a seguir, uma descrição do que se tem feito, no Brasil e em alguns outros países, para tornar efetiva e adequada, a participação dos pais na pré-escola.

BRASIL.

Família e Educação são dois dos temas constantes da Constituição da República Federativa do Brasil, de 24 de janeiro de 1967. É dever do Estado assegurar a proteção à Família e o direito à Educação, a todos os cidadãos brasileiros.

A Consolidação das Leis do Trabalho, a Lei nº 5692, de 1971, que fixa Diretrizes e Bases para o Ensino de 1º e 2º Graus, as Portarias nº 1, de 1969 e nº 1, de 1971, do Departamento Nacional de Segurança e Higiene do Trabalho, se referem ao direito à educação, desde a pré-escola, e à proteção que devem ter os filhos das mães que trabalham, quando ainda não em idade escolar.

Muitos Pareceres do Conselho Federal de Educação e instrumentos legais dos Conselhos Estaduais de Educação explicam e traçam diretrizes para a educação pré-escolar. Em alguns, é sugerida claramente, a participação dos pais nos programas pré-escolares, com o objetivo de garantir a conjugação de esforços entre a família e a pré-escola, em benefício da criança, que frequenta os dois ambientes. Há inclusive, nas conclusões da XIII Reunião Conjunta dos Conselheiros de Educação, realizada em 1976, a sugestão de programação simultânea da educação de pais e filhos, aconselhando ainda, a participação dos pais, em qualquer projeto ou campanha de proteção à infância.

A realidade da educação pré-escolar brasileira revela uma maioria de crianças, provenientes de lares de baixa renda. Por isso, a maior parte dos programas de atendimento ao pré-escolar, enfatizam a educação compensatória. Há, porém, uma certa confusão entre educação e assistência social.

A primeira prioridade estabelecida para a implantação do Programa de Educação Pré-Escolar no Brasil, foi a carência econômica. O êxito do Programa, depende sempre, do elemento humano nele envolvido.

Todos os educadores, por menor que seja seu contato com a criança, exercem, sobre ela, sua influência. Por este motivo, deverão conhecer a filosofia do Programa, as necessidades básicas do pré-escolar e as suas características evolutivas.

O objetivo do Programa é o objetivo de toda a equipe, que deverá se sentir igualmente participante.

Considerando a importância da participação da família, e que o esforço do Estado é posto como complementar ou suplementar ao dela, a família deve estar também, vinculada às atividades desenvolvidas nos centros de atendimento. A participação pode ser, em auxílio nas atividades de recreação, na preparação da merenda ou do material, etc. A participação da família colabora também, para o barateamento dos custos da educação pré-escolar, para o poder público.

Há ainda, a necessidade de envolvimento comunitário, garantido pela formação de lideranças nas comunidades, onde é realizado o Programa. Os dirigentes comunitários devem manter estreito contato com as famílias.

O trabalho com a comunidade é apoiado pela LBA (Legião Brasileira de Assistência) e pelas Secretarias de Bem-Estar e Assistência Social.

Há treinamento do pessoal voluntário, para trabalhar no Programa. Entre os voluntários, há muitas mães. É estabelecido o sistema de monitorias.

Maria Letícia de Vasconcelos Parra, em sua tese de mestrado, para a PUC, de São Paulo (1981), avalia o desempenho das mães monitoras nas Escolas Municipais de São Paulo, uma prática adotada desde 1972, com a criação do Centro de Educação e Alimentação do Pré-Escolar, em São Paulo.

Ficou evidenciado que, na grande maioria das situações, as mães monitoras desempenham atividades de auxílio ao professor, no processo de ensino-aprendizagem. São realizadas também, tarefas ligadas à área administrativa ou de confecção de material didático e, em geral, as mães demonstram estar aptas a realizar as diversas tarefas a elas atribuídas.

O trabalho de monitoria de mães facilita a aprendizagem das crianças pré-escolares e favorece o funcionamento da instituição. É uma forma de trabalho que permite a participação dos pais, ao lado dos professores, no processo de educação pré-escolar.

As mães são orientadas para a monitoria, pelo próprio professor, que coloca a criança como principal motivação para a sua participação no programa, conhecido como PLANEDI - plano de Educação Infantil.

Em Pernambuco e no Rio de Janeiro, há iniciativas dos Centros de Educação e Recuperação Nutricional (CERN), que, inicialmente, visavam apenas à nutrição e à saúde da criança. Hoje, quase todos os centros tem atividades educativas e oferecem estímulos ao desenvolvimento cognitivo, psicomotor e afetivo da criança, sob a orientação de pessoas especializadas.

As mães e outras pessoas da comunidade participam na preparação de alimentos e nos demais serviços do Centro.

A insuficiência numérica de educadores com preparo adequado é um problema, que afeta a educação pré-escolar, em quase todas as unidades federadas brasileiras.

O PROAPE, Projeto de Atendimento ao Pré-Escolar, que o INAN (Instituto Nacional de Alimentação e Nutrição) e a Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco vem realizando naquele Estado, tem como um dos elementos básicos para a sua realização, a participação das mães nas atividades. A mãe se compromete a participar, dedicando algum dia por mês, conforme o estabelecido, numa escala de rodízio. Elas são treinadas para o trabalho

e recebem orientação, sobre o sentido das atividades, o valor educativo e a maneira de cooperar, para que sejam desenvolvidas corretamente.

Os testemunhos destas mães participantes atestam a importância do seu envolvimento no programa. Elas se tornam multiplicadoras do Projeto e de seu conteúdo educativo, em seu próprio lar.

O MOBREAL, que recentemente assumiu a administração e organização da educação pré-escolar no Brasil, também está desenvolvendo programas de envolvimento e monitoria, das mães das crianças atendidas.

Apesar da educação pré-escolar brasileira dar prioridade às crianças economicamente carentes, tem-se conhecimento de diversos programas de pré-escolas particulares, leigas e religiosas, que são muito bons.

Em geral, essas pré-escolas são abertas aos pais, nem sempre, porém, contando com sua participação efetiva. São conhecidos os Círculos de Pais, que debatem e estudam sobre a criança e as formas de educação; as Associações de Pais e Professores, que garantem o entrosamento dos pais com a pré-escola; os Clubes de Mães, que as orientam no seu convívio com os filhos e explicam o trabalho da pré-escola.

As pré-escolas gostariam de poder contar com os pais e muitos pais procuram a pré-escola, mas principalmente entre a clientela mais privilegiada, há incompreensões sobre a tarefa real da pré-escola e interferências, que precisam ser transformadas em participação efetiva e adequada, no desenvolvimento do currículo.

SUÉCIA.

A pré-escola é vista como um método para o desenvolvimento da personalidade integral da criança.

Considerando a relação entre a pré-escola e o lar, Mueller (1971) considera a pré-escola sueca, como um suplemento à, frequentemente, família nuclear, de um filho apenas, e os centros pré-escolares, como um substituto dos cuidados da família.

É enfatizada a organização de classes pré-escolares, em ambientes semelhantes ao lar, com a função de extensão da família e não de escola. A cada criança, com a colaboração dos pais, devem ser dadas as melhores condições de desenvolver e explorar sua emotividade e sua inteligência.

A cooperação dos pais é muito importante. Os propósitos da pré-escola são apresentados desde o início, e em reuniões, são sugeridas formas de participação dos pais. São encorajados a frequentarem a pré-escola, sempre que possível.

Há orientações, quanto a cursos de psicologia de adultos serem incluídos nos currículos de formação de educadores, para que os professores de pré-escola se familiarizem com o processo de socialização do adulto, para melhor trabalharem com os pais.

Os pais mantêm a educação pré-escolar, dependendo sua contribuição, da renda familiar, do número de filhos e de quantos deles frequentam a pré-escola.

INGLATERRA E GALES.

A participação dos pais, de várias formas, é recomendada como benéfica, tanto para os pais, como para a pré-escola.

O grande envolvimento dos pais, na escola dos filhos, se baseia no sucesso das pré-escolas. Diversos autores comentam a importância do sentimento de controle dos pais, sobre as situações que os filhos experimentam. Coleman (1966) se refere a isso como "*controle do destino*". Acredita-se que, estender a participação dos pais, na pré-escola, às classes sociais mais baixas, é uma forma de encorajá-los a participarem mais ativamente no desenvolvimento subsequente dos filhos, na escola.

O envolvimento dos pais é visto como uma das maiores forças das associações de centros de recreação. Estes centros são, normalmente, dirigidos e trabalhados pelas próprias mães, algumas das quais, professoras qualificadas ou enfermeiras.

As atuais pressões, para o aumento de pré-escolas, vem de pais envolvidos nos centros de recreação. Sua maior motivação se refere ao desenvolvimento emocional e social das crianças pequenas e à certeza de que, a experiência pré-escolar ajuda a prover este desenvolvimento.

CANADÁ.

Os jardins de infância são extensões da família, em trabalho complementar, no processo de evolução da criança.

A educação e envolvimento dos pais, no trabalho dos jardins de infância, são muito debatidos.

Há reuniões frequentes, entre o pessoal da escola e os pais.

Os pais são encorajados a participarem no trabalho de classe, também.

FRANÇA .

Os pais franceses são muito favoráveis às "*escolas maternas*" e a transição do lar, para a pré-escola é suave. É encorajada a relação pais-professores.

Oficialmente, o envolvimento dos pais na pré-escola, não é recomendado, nem autorizado. No entanto, os pais da classe média conversam com os professores e muitos deles, tem grande interesse pelo que está sendo feito. Os professores os estimulam a isso.

Os pais mais pobres, por outro lado, raramente vão à pré-escola, ou conversam com os professores sobre as crianças.

ITÁLIA .

Há quatro aspectos importantes na educação pré-escolar : a educação compensatória, a relação entre a escola pública e a privada, a relação de pais e professores, e a transição bem sucedida das crianças, do lar para a pré-escola e posteriormente, para a escola elementar.

O envolvimento dos pais na educação dos filhos é encorajada, através da criação de conselhos de pais, para cada uma das pré-escolas oficiais. Por trás disso, está a idéia de que, emocional e educacionalmente, os pais devem sentir que podem influenciar o que acontece com as crianças e que estas, devem sentir que seus pais se interessam por sua vida escolar.

Os professores, também, formam conselhos representativos, para poderem, efetivamente, expor suas idéias para o currículo da pré-escola.

O envolvimento dos pais e dos professores são de grande importância, para o desenvolvimento do sistema pré-escolar.

A pré-escola não substitui a família, mas a auxilia. Sua posição, como intermediária, entre o lar e a escola obrigatória, pressupõe participação ativa dos pais.

Desde 1953, o governo italiano tem criado centros de orientação para pais, famílias e escolas.

O professor Laenge, da Universidade de Roma (1971) diz que o professor deve entender, que está dividindo responsabilidades com os pais, e que deve possibilitar confiança mútua e atitude cooperativa, entre eles e a escola. Isto é particularmente importante, em pré-escolas de crianças de lares menos favorecidos, cujos pais, tradicionalmente, vêem a escola como algo exterior à sua própria existência.

BÉLGICA.

A pré-escola é vista como uma extensão do lar, no sentido educacional, e não meramente, um período de transição entre o lar e a escola elementar, devendo contar com a participação dos pais.

ALEMANHA.

Westphal (1972) arrola quatro grandes mudanças, nas relações entre pais, filhos e educação:

1. Em situações conflitantes, os direitos da criança devem ser superiores aos direitos dos pais;

2. formas mais livres e democráticas de relação entre pais e filhos são desenvolvidas e tem efeitos positivos na educação das crianças;

3. as autoridades não rejeitam experiências em associações educacionais de pais e filhos, mas conservam o direito de traçar diretrizes oficiais quanto a espaço, pessoal, modelos pedagógicos e padrões de higiene;

4. o reforço da capacidade educacional dos pais - material e pedagogicamente - é a política explícita do governo federal.

Os pais tem o direito de escolher a educação que desejam para os filhos. Inicialmente, a pré-escola sofreu a desconfiança dos pais, mas, atualmente, há aceitação e participação em novas idéias.

HOLANDA.

Os pais escolhem a educação para seus filhos, conforme suas crenças e princípios, salvaguardados pela Constituição.

A pré-escola é estruturada livremente e os pais podem visitá-la e participar do trabalho.

Os pais são visitados por líderes comunitários e orientados para observarem a criança, brincarem com ela, lerem para ela e se interessarem pela pré-escola e, posteriormente, pela escola.

Os pais tem liberdade de ajudar a criança a crescer, segundo seus desejos, mesmo contra os desígnios do Estado.

DINAMARCA.

Os quadros educacionais são obrigados a colaborarem com os pais, que estão representados nos conselhos de educação e nos estabelecimentos pré-escolares.

UNIÃO SOVIÉTICA.

O desenvolvimento da educação pré-escolar está estritamente ligado ao dever das famílias, de conduzirem a educação das crianças.

Makarenko chama a atenção para os laços que unem as coletividades escolares e as outras espécies de coletividades, que contribuem para iniciar a criança, nos vários aspectos da vida. A escola deve ser considerada como uma comunidade maior do que a família, prestando-se melhor, portanto, à socialização. Não deve, porém, desenvolver atitudes abertamente opostas aos valores e atitudes da família, sem ser regida por elas.

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA DO NORTE.

O envolvimento dos pais na educação pré-escolar é amplamente estudado e realizado.

Os pais participam da administração da pré-escola, no desenvolvimento das atividades, e mesmo na tomada de decisões sobre o currículo.

Há programas de televisão, especialmente destinados aos pais de crianças em idade pré-escolar, e órgãos de divulgação dos mais diversos, que incluem, entre os assuntos tratados, aqueles relativos à educação pré-escolar.

É dada ênfase à importância das visitas aos lares das crianças, em idade pré-escolar e à necessária modificação da visão tradicional do professor, para que desenvolva empatia e compreensão, no sentido de ter os pais, como "*aliadas*".

Os pais desejam participar e tomar decisões, para que seus filhos estejam sujeitos a currículos oficialmente sugeridos, garantir a integridade da família, assegurar a qualidade dos programas e, junto com os Conselhos de Educação, tornarem-se agentes de mudança na comunidade. No último caso, as crianças são beneficiadas indiretamente, pois os pais e a comunidade são os maiores beneficiados. A pré-escola vem em auxílio às suas necessidades e aspirações.

Os pais sentem que, à medida que lhes é permitido tomar decisões no currículo da pré-escola, melhora sua função de educadores das crianças, pois exercem um certo domínio sobre todas as atividades, das quais ela participa.

Infelizmente, muitas experiências excelentes são descritas sobre as pré-escolas de diversos outros países, mas nenhuma referência se faz às formas de participação dos pais.

Conclui-se, a partir dos dados obtidos, que a participação dos pais é encorajada, mas são poucas as sugestões para sua efetivação.

Em 1969, a reunião da Federação Internacional de Associações de Professores sugeriu cinco maneiras, pelas quais a cooperação entre a família e a pré-escola, é assegurada:

1. Conversas informais, de um quarto de hora, diariamente, com qualquer mãe que o deseje;
2. convites aos pais, para tomarem parte nas atividades das associações escolares;

3. entretenimentos de crianças, organizados por amigos da escola, distribuição de presentes, por ocasião do início das aulas, no Natal, na Páscoa e festas das crianças, festivais de mães, etc.;

4. "*Semanas sobre a Pré-Escola*", quando são discutidos temas de educação, os objetivos da escola, as tarefas da pré-escola;

5. conferências mensais da "*Escola de Pais*", onde um tópico sobre a educação da criança é tratado por um especialista, cuja palestra é seguida de discussão.

O Relatório do Encontro sobre Educação Pré-Escolar como Primeira Fase da Educação Permanente, da UNESCO, diz - "*Para que a educação pré-escolar seja - como se deseja - profundamente enraizada na comunidade, convém associar os pais a seu desenvolvimento, assim como também, todos aqueles, cuja intervenção contribui para modelar o cenário da criança.*"

CAPÍTULO V

A PARTICIPAÇÃO DOS PAIS NA PRÉ-ESCOLA - UMA PROPOSTA

Os jardins de infância devem ser considerados instrumentos destinados a completar e a alargar a educação familiar da criança. COMENIUS, o grande pedagogo da Boêmia, considerava em sua obra *Mutterschule* (1633), na época das famílias numerosas, que todas as crianças, que não tivessem atingido os seis anos, deviam ser educadas pela mãe; já estabelecera, dirigido a ela, um conjunto de tarefas, que lhe incumbiam, em matéria de educação. Parte dessas tarefas passaram a pertencer aos jardins de infância. Isso mostra, ser indispensável a colaboração entre os pais e os educadores das crianças.

As crianças aprendem muito, através do exemplo, e os pais, por conviverem a maior parte do tempo com elas, constituem os modelos para imitação.

Em uma sociedade, em que cada vez menos tempo sobra para a interação pai-filho, é preciso aproveitar ao máximo, os momentos disponíveis, com atitudes coerentes com os objetivos educacionais, que se pretende alcançar.

Completando a idéia, é de fundamental importância, a escolha das pessoas, às quais a criança será confiada, na ausência dos pais. É preciso que possam também, oferecer um repertório de exemplos, semelhante ao dos pais, para evitar conflitos, nas crianças.

A mesma preocupação deve existir, na escolha da pré-escola. Os pais precisam conhecer seus objetivos e as tarefas que propõe desenvolver com seus filhos, para confiar na educação complementar, que as crianças vão experimentar, parte do dia, nos jardins de infância.

Como não passa a haver uma substituição da educação na família, pela educação na pré-escola, os pais continuam a propiciar o desenvolvimento dos filhos, dependendo do quanto já fizeram nos anos anteriores, na estimulação das crianças e no seu relacionamento com elas.

Devem poder se sentir, a partir de então, seguros quanto à educação extrafamiliar que as crianças estão recebendo, reconhecendo como fundamental, a socialização crescente, a formação de bons hábitos e o desenvolvimento de diversas habilidades, em atividades vividas em comum, no dia-a-dia da pré-escola. É preciso, portanto, conhecer a proposta curricular e procurar enriquecê-la, consoante o seu maior conhecimento da criança, seus interesses e aspirações, transmitindo informações à pré-escola, criticando construtivamente, participando eventualmente das atividades da criança e sempre, das oferecidas aos pais e avaliando, em conjunto com os professores, os resultados obtidos, diante dos objetivos propostos.

Caso os pais não procurem a pré-escola, cabe a ela, o de ver de ir até eles, criando situações de cooperação e relacionamento efetivo.

Os educadores em geral, e por conseguinte, também os da pré-escola, conhecem pouco da psicologia do adulto, o que facilitaria e possibilitaria êxito maior, no seu envolvimento com os pais. Da mesma forma que todas as outras coisas, há pais excelentes, mas também há os menos bons, contra a vontade dos quais, é necessário, muitas vezes, proteger as crianças. Existem os mais inteligentes e bem informados, mas existem igualmente, os menos inteligentes e com idéias retrógradas, que hesitam mesmo, em consultar um médico e seguir seus conselhos, em relação aos filhos. O que pensar então, em se tratando de assuntos referentes à educação, à psicologia e à pedagogia moderna. Estes últimos se opõem, por ignorância ou por tradicionalismo, a tudo que possa ser realmente útil para a criança.

A maior parte dos educadores concorda, que os pais constituem, frequentemente, o principal obstáculo ao desenvolvimento do currículo. Para isso, concorrem dois motivos, principalmente. O primeiro se relaciona aos métodos. Os pais experimentam certa inquietação, se o método utilizado pela pré-escola, não é um método amplamente difundido, de comprovada "*eficiência*", graças ao longo tempo já, em que é usado. Temem que seus filhos estejam sendo "*cobaias*" de experiências e nem tentam entender, que o melhor mesmo, é não fazer a criança se adaptar a métodos e sim, adaptá-los à criança. O segundo motivo, que é a preocupação fundamental dos pais, em qualquer nível de escolaridade e a "*bandeira*" daqueles que se julgam "*donos da verdade*", no que

se refere, principalmente, à educação pré-escolar, consiste em, que seus filhos não estejam "*atrasados*", em relação aos modelos estabelecidos para crianças de sua idade e nem que sejam levados a se atrasar, por causa do tempo perdido com certas atividades do currículo. Para esses pais, o bebê precisa andar aos X meses, falar com X anos, ler e contar até 20, já na escola maternal e encaram as atividades de manipulação, construção e coordenação, como um luxo inútil, uma perda de tempo, que retarda o momento esperado, em que a criança saberá ler, contar e escrever.

Sabe-se que todas as orientações sugerem nada forçar artificialmente e consagrar o período pré-escolar, às iniciações e ao estabelecimento dos fundamentos mais sólidos possíveis, para as práticas posteriores, sendo portanto, a base real dos conhecimentos.

Convém à pré-escola, que acredita no envolvimento dos pais no currículo, criar mecanismos de informação, de participação efetiva e de cooperação, pensando quanto a criança vai ganhar com esse trabalho conjunto, e quanto aumenta o conhecimento, sobre as verdadeiras tarefas da pré-escola.

Os que organizam a educação pré-escolar, nas instituições extrafamiliares, devem estar conscientes da necessidade de envolver os pais, de várias maneiras, para que a criança não se sinta desligada da família e os pais não sintam que perderam contato com as crianças. É também aconselhável, que pais que tem oportunidade de ouvir e ver, e se possível, participar, no que significa a educação pré-escolar realmente, tenham condições de

criar ambiente melhor e mais estimulador, para suas famílias. Por outro lado, a pré-escola, que tem pais participantes, realimenta constantemente, a ação curricular.

Pais, que matriculam seus filhos em jardins de infância, podem esperar ser envolvidos de diversas formas: grupos de preparação ao período letivo, clubes de mães, Círculos de Pais, Associações de Pais e Professores, e auxílio às várias atividades do currículo.

Há recomendações sobre a idade de atendimento ser superior a, no mínimo, três anos, e mesmo aos cinco anos, é cedo demais, na vida da criança, para o lugar da mãe ser completamente tomado pela professora.

A criança desenvolve seu potencial, de forma mais bem sucedida, quando os pais compreendem seu ritmo e participam no processo de aprendizagem.

Por outro lado, aprender a participar da educação da criança deve ser apenas um dos aspectos, do envolvimento dos pais. Deve-se procurar programas, que os ajudem, no conjunto de suas atribuições, como pais de crianças, em palestras de especialistas, discussões e estudos dirigidos, dos quais participem, também, os professores.

Há um grande número de publicações periódicas, que visam ajudar os pais, na educação dos filhos. Convém, no entanto, conservar uma atitude crítica, em relação a elas, porque, ao lado de artigos cientificamente elaborados, há muita coisa não aproveitável.

O envolvimento dos pais é o elo de ligação do ensino pré escolar, com a comunidade.

Tradicionalmente, as autoridades não tem se ocupado da educação pré-escolar. Muito mais que em outros níveis, a iniciativa privada tem desempenhado papel importante.

Atualmente, quando a educação pré-escolar está sendo vista como uma das prioridades, nos sistemas de educação, o envolvimento dos pais e da comunidade aparecem como garantia de que seja conhecido o trabalho, que a pré-escola desenvolve e lhes seja permitido opinar, conforme seus pontos de vista.

As iniciativas dos poderes públicos se dirigem às crianças de classe de menor poder aquisitivo. Não raro, os pais dessas crianças consideram o ambiente escolar hostil, sem comunicação possível e autoritário. Isso se deve à inadequação da proposta escolar, para o seu meio. O mesmo vem acontecendo com a pré-escola.

Cabe à escola e à pré-escola, integrarem-se e procurarem atender melhor, aos interesses da comunidade, em trabalho orientado.

A mesma necessidade de orientação existe, entre os pais melhor situados economicamente, porque, para eles, a pré-escola é vista, assim como a escola, como um fator de promoção social e de garantia de sucesso futuro, defendendo, porisso mesmo, o adiantamento do 1º grau, para a criança ganhar tempo, no processo de escolarização.

Apresenta-se a seguir uma proposta alternativa prática , para envolver os pais na pré-escola, através de reflexões, informações e sugestões para participação efetiva, que uma vez realizada, pode, como efeito das observações dos pais, estender a compreensão do conceito da pré-escola, em sua real natureza , para toda a comunidade, pelo bem da criança.

A proposta compõe um Guia de Orientação aos Pais.

GUIA DE ORIENTAÇÃO AOS PAIS DAS CRIANÇAS DA PRÉ-ESCOLA
elaborado por

INÊS MARIA CORDEIRO LINHARES CALIXTO

DEZEMBRO, 1982

APRESENTAÇÃO

O presente Guia de Orientação foi elaborado com o objetivo de ajudar os pais da criança, que frequenta a pré-escola, a compreendê-la em suas finalidades, seja qual for o tipo de programa que a criança desenvolva, oferecendo sugestões práticas, para que os pais participem ativamente do currículo.

É um instrumento de reflexão e informação, fundamentado na experiência de dez anos, no ensino pré-escolar, em constante contato com os pais das crianças.

Pretende, em linguagem simples e objetiva, oferecer uma alternativa de caráter prático para a interação cooperativa e alimentadora da relação dos pais com a pré-escola, em benefício das crianças atendidas.

Não é um trabalho acabado, devendo ser adaptado à realidade da pré-escola que o utilize, e apresentado concomitante ao currículo, pois deve refletir a sua orientação.

É de utilidade, para todas as pessoas que trabalham na pré-escola em questão, e para quem estiver interessado na educação pré-escolar.

Reflete uma postura assumida, cuja principal reivindicação se refere à participação efetiva dos pais na elaboração, execução e avaliação do currículo da pré-escola, reconhecendo que

a criança, ao ingressar em uma instituição extrafamiliar, recebe igualmente, a influência da família e do jardim de infância, não devendo estar exposta a situações conflitantes, mas complementares e integradas, supondo o rico potencial que precisa desenvolver, em direção à socialização, à formação de bons hábitos e, à descoberta de suas habilidades.

"OS PAIS TEM, POR PRIORIDADE, O DIREITO DE ESCOLHER O GÊNERO DE EDUCAÇÃO A DAR A SEUS FILHOS".

(Declaração Universal dos Direitos Humanos).

- Que tipo de pais nós somos?
- Como realizamos nossa tarefa de pais de crianças, na época atual?
- Que é educação?
- Que espécie de educação esperamos para os nossos filhos?
- Que tarefas nos propomos a realizar, para a educação de nossos filhos?
- Quais os objetivos da educação, no mundo de hoje?
- Quais as influências positivas e negativas, que a época atual exerce, sobre a educação dos nossos filhos?
- A tarefa da pré-escola, no processo de individualização e socialização da criança é dupla. Por um lado, garante a movimentação adequada da família na sociedade extrafamiliar, ca da vez mais necessária nas condições da vida moderna, sabendo

que o filho está protegido e assistido no jardim de infância
Por outro lado, facilita a superação de dependência da criança,
com a adequada dissolução da relação mãe-filho, indispensável
para o seu desenvolvimento como pessoa independente e como mem-
bro da comunidade.-

- Que é educação pré-escolar?
- Qual a importância da pré-escola na sociedade atual?
- Por que procuramos uma pré-escola, para o nosso filho?
- Que tipo de pré-escola esperamos encontrar?
- Que satisfações esperamos obter da pré-escola que esco-
lhemos?
- Que é o currículo da pré-escola?
- Que atividades consideramos necessárias, no currículo
da pré-escola?
- Qual o tipo de relação, que esperamos desenvolver, com
os professores da pré-escola de nosso filho?
- De que maneira podemos participar ativamente, do cur-
rículo da pré-escola?

OS PAIS E A CRIANÇA.

O primeiro ambiente que a criança experimenta, a partir do seu nascimento, é o ambiente familiar.

Os três primeiros anos de vida são essenciais no desenvolvimento da criança. Por "*desenvolvimento*" entendemos todos os processos de crescimento e de diferenciação, por que passa um indivíduo, desde a sua concepção, no ventre materno, até a maturidade, sob influências positivas ou negativas, do meio ambiente.

Cabe, portanto, à família, cuidar do adequado crescimento da criança, nas mudanças e nos processos de adaptação físicos, morais, psíquicos, linguísticos e sociais, durante os três primeiros anos, em que a criança está, quase que exclusivamente, exposta à influência familiar. Esta fase, é marcada pela grande rapidez com que se desenvolve o sistema nervoso central, isto é, o órgão de comunicação com o meio ambiente. A maturação dos órgãos dos sentidos e do cérebro é acompanhada por modificações das capacidades físicas e psíquicas, por mudanças na capacidade de percepção da criança e por um comportamento social diferenciado, conforme a idade, quanto às relações com os pais, os irmãos, outros adultos e outras crianças. É uma fase de desenvolvimento particularmente sensível aos fatores externos, e marca definitivamente a personalidade, para a vida futura.

Não há um modelo de criança para esta idade, pois cada criança tem o seu próprio ritmo de desenvolvimento. A importância dos três primeiros anos de vida mostra claramente, o caráter insubstituível da educação familiar, durante esta fase.

É na família, que acontece o primeiro relacionamento afetivo, desde o momento do nascimento, através do contato mãe-filho. Após, a criança adquire a capacidade de coexistir progressivamente com outros membros da família e da comunidade.

Atualmente, é muito comum a família chamada nuclear, composta de pai, mãe e filho. Esta tendência decorre do tipo da vida moderna, que não comporta mais a família tradicional, de avós, tios, primos. Por isso, a educação da criança se tornou tarefa mais difícil. Porque, muitas vezes, ambos, pai e mãe precisam se ausentar parte do dia - ou todo o dia - se coloca a questão crucial da escolha cuidadosa, das pessoas, a quem se confia a criança.

Há duas condições essenciais, para que esse processo de socialização primária tenha êxito:- A principal pessoa de referência deve estar disponível e dedicar tempo suficiente à criança, enquanto ela estiver acordada, porque é ela que transmite as principais impressões sensoriais, que dão base ao desenvolvimento social;

- a relação com a principal pessoa de referência deve ser constante e marcada pela confiança. Durante os primeiros anos de vida, a continuidade da relação com a mãe ou com uma pessoa que desempenha o papel de mãe, carinhosa, dedicada, disponível e responsável, é determinante, não só para o comportamento social, para os contatos afetivos e a responsabilidade individual, mas também, para o desenvolvimento cognitivo, a partir da linguagem.

A interação mãe-filho, que constitui as primeiras bases da educação é um modelo de aprendizagem que intervém principalmente, ao nível emocional, não podendo ser substituída por métodos aplicados em creches, lares e nem sequer, por babás.

Há, então, progressivamente, um recuo da dependência direta da criança, face à principal pessoa de referência e ela passa a explorar um meio estranho, em direção a uma crescente independência.

Aparece, para a criança, a importante figura do pai e de outras influências ambientais, como os meios de comunicação social e outras pessoas, que estejam no seu convívio.

O pai não deve se colocar fora do alcance da criança. Sua educação é fruto do trabalho de ambos, pai e mãe. Os meios de comunicação social, pela influência que exercem, criam, cada vez mais, uma criança diferente daquela que os próprios pais ou seus filhos mais velhos foram, e os outros adultos e crianças enriquecem a possibilidade da criança, ir se tornando capaz de estabelecer contatos além do círculo familiar. A partir de então, a ela é capaz de passar, algumas horas, sem a presença da mãe.

Considera-se acertada, a partir dessa fase, a integração progressiva da criança a estruturas de educação extrafamiliares. Isto é mais importante, ainda, no caso de famílias que tem um filho apenas e daquelas, em que o pai e a mãe trabalham. Surge então, a necessidade de interferência das chamadas pré-escolas, que não vem substituir a família, mas oferecer aquelas experiências que a criança não encontra, se convive em meio familiar, apenas.

A PRÉ-ESCOLA E A CRIANÇA.

Educação é um processo de crescimento individual e social, que ocorre ao longo da vida da pessoa, decorrente das experiências que realiza, no contato com as pessoas e com o ambiente, no qual se desenvolve.

A educação pré-escolar compreende o período, que vai desde o seu nascimento, até os seis ou sete anos, idade considerada ideal, para o início da escolarização.

Inicialmente, esta educação se realiza apenas em ambiente familiar, mas chega o momento em que a criança necessita conviver com outras, da mesma idade, e experimentar atividades que vão enriquecê-la, desenvolvendo habilidades afetivas, morais, físicas, motoras, verbais, intelectuais, sociais e formando hábitos adequados, em relação a si mesma e aos grupos, com os quais convive.

Não é um trabalho unilateral, da pré-escola, mas em conjunto com a família, por ser concomitante e complementar àquele, que ela realiza.

A denominação "*jardim de infância*" foi dada por Froebel, que comparou as crianças a flores de um jardim, pelos cuidados que necessitam e também, porque deve sempre haver um jardim para desenvolverem suas brincadeiras - oferecendo, desde então, a alternativa metodológica do jogo, como essencial, nas classes pré-escolares.

Embora o jardim de infância trabalhe com crianças, em período imediatamente anterior ao seu ingresso na escola, não deve ser considerado apenas, como uma preparação para a escola. A tarefa principal consiste em fazer com que as crianças dos quatro aos seis anos, adquiram um comportamento social no grupo, ao mesmo tempo que recebem um ensino adaptado ao seu desenvolvimento, tendo em conta a sua independência crescente, e levando-a gradualmente, a realizar um certo número de tarefas, preparando-a naturalmente, de forma simultânea, para as exigências da escolaridade e da vida profissional.

Para não prejudicar a orientação social fundamental da criança, na vida familiar, a integração no jardim de infância deve se fazer progressivamente, de preferência, em meio período. Esta característica de adaptação progressiva deve existir também, logo que a criança ingressa na pré-escola. Como a sua libertação dos laços maternos está se processando, muitas vezes, as crianças resistem a permanecerem longe da mãe, durante o período das atividades diárias. Cabe a pais e professores, com bom senso, examinarem cada caso em particular e procurarem soluções adequadas.

Os jardins de infância devem respeitar às condições indispensáveis para o desenvolvimento da criança, criando um ambiente agradável, de acordo com a idade, material específico, pessoal especializado e participação efetiva dos pais, para caracterizar claramente, a interdependência lar-pré-escola.

A pré-escola só existe, porque existe a criança. Portanto, não deve ser um local, onde apenas se cuida das crianças enquanto seus pais trabalham, mas oferecer enriquecimento à sua educação.

A Biologia, a Psicologia, a Sociologia e a Filosofia aprofundam, cada vez mais, os conhecimentos sobre a criança. Tais estudos oferecem um referencial teórico-prático para a atuação familiar e extrafamiliar na educação da criança de hoje. Esta mesma criança não possui ainda, no mundo moderno, o seu próprio espaço, mas está à procura dele.

Cabe à pré-escola, auxiliar a família no oferecimento de condições para a criança aprender a aprender, pois é esta a realidade da vida que viverá, a partir de então.

Na pré-escola, o instrumental adequado para a criança auto-educar-se e conquistar seu espaço, é fornecido pelo currículo adequado, que, centrado na criança, deve buscar nela mesma, as fontes de inspiração para o desenvolvimento de atividades que signifiquem alguma coisa, para aquela que o vivencia.

O CURRÍCULO DA PRÉ-ESCOLA

Por currículo, se entende todas as experiências organizadas e supervisionadas pela escola e sob sua responsabilidade, selecionadas com base no critério de serem significativas para o desenvolvimento e formação máximos, completos e harmoniosos do educando integralmente, visando a sua auto-realização, as necessidades da sociedade e os fins mais elevados de toda a humanidade.

No ensino pré-escolar, são todas as experiências resultantes de atividades oferecidas pela pré-escola à criança, para promover o seu desenvolvimento pleno e harmonioso e sua integração social.

Não devendo ser considerada apenas como uma preparação para a escola, a educação no jardim de infância se baseia no jogo e na aprendizagem de convívio com as outras crianças.

Na idade em que as experiências se adquirem, em primeiro lugar, em um processo sensório-motor, não nos devemos limitar a fazer intervir um ensino escolar antecipado e autoritário.

O pessoal preparado, o material adequado, a não especialização da criança e grupos não muito grandes de trabalho, garantem isso. As informações não devem ser transmitidas de forma essencialmente verbal e nem se deve submeter a criança a técnicas de ensino, de que só mais tarde virá a precisar.

Tudo o que se faz na pré-escola tem seus objetivos. Jogos e brincadeiras não são "*perda de tempo*", mas metodologias de atividade das crianças, que desenvolvem habilidades e formam hábitos adequados, preparando-as também, para se envolverem, posteriormente, nas orientações mais sistematizadas, da escola de 1º grau. É melhor não queimar etapas, oferecendo práticas comuns a esta escola.

O conhecimento, na pré-escola, não pode ser fragmentado. Atividades de Comunicação e Expressão, Integração Social e Iniciação às Ciências devem formar um todo harmonioso, e são realizadas através de experiência da criança, no seu mundo real, palpável.

As atividades de Artes Plásticas, Música e Educação Física são muito importantes, para a interiorização do conceito de esquema corporal, do senso estético, da coordenação motora ampla e fina, da acuidade visual e auditiva, da percepção do mundo, das coisas e das pessoas.

Deve haver reflexão cuidadosa, antes de incluir uma língua estrangeira, no currículo da pré-escola, pois a criança, em geral não domina ainda, nem a língua materna, completamente.

Atividades como judô, ballet, natação, se incluídas no cur rículo, devem possibilitar a livre opção da criança.

Quanto ao início ou não da alfabetização, na pré-escola, deve-se observar que todas as atividades orientadas ao desenvolvimento de habilidades em geral, já estão favorecendo a prontidão para a alfabetização e fazem parte do processo. Convém não forçar a criança, de maneira artificial, pois todas as aprendizagens tem seu tempo próprio, para serem incorporadas, determinado pelo ritmo de desenvolvimento e maturação de cada criança.

Hábitos nutricionais, de higiene e verbais são desenvolvidos em todas as atividades do currículo, cabendo aos professores, orientarem seu desenvolvimento e aos pais, reforçarem o comportamento, em casa.

O exemplo, que as crianças tem em casa, é o maior reforço às suas aprendizagens, pois grande parte do dia, permanecem junto à família.

A avaliação das atividades, acompanha o seu desenvolvimento e não é recomendado medir o nível de desempenho da criança. Interessa mais, saber se atingiu ou não, os objetivos propostos.

Cabe aqui, salientar, que o currículo não deve ser usado para a promoção da escola, na opinião pública, porque oferece atividades mais sofisticadas, para seus alunos.

É fundamental o espaço amplo e a observação do período de concentração, que varia, conforme a criança e o grupo e depende do interesse que a atividade desperta. É necessário também, haver flexibilidade, para atividades emergentes, inspiradas por situações inesperadas.

Recursos como excursões, passeios pela cidade e brincadeiras ao ar livre devem ser utilizados frequentemente, para ampliar o ambiente da criança, para além das salas de aula.

Quanto à utilização de métodos pela pré-escola, depende muito da orientação metodológica do currículo. Convém, no entanto, enfatizar que não se deve tentar forçar a criança a se adaptar a algum método e sim, adaptá-lo a ela, utilizando os recursos da própria pré-escola e da comunidade. O trabalho, na pré-escola, deve ser espontâneo, livre e criativo, nas atividades que a criança desenvolve.

O currículo reflete a realidade da pré-escola que o desenvolve. A preparação do pessoal envolvido e o respeito à influência familiar na pré-escola, garantem a coerência entre a sua proposta e as atividades que ela desenvolve, com as crianças.

O PROFESSOR DA PRÉ-ESCOLA

Embora não seja ainda, muito difundida, a especialização do pessoal que trabalha na pré-escola é necessária e importante para a execução adequada de sua proposta.

Enquanto nem todos podem ser especialistas, a pré-escola seleciona os professores com base em critérios de prática anterior, histórico escolar de 2º grau, gosto pelo trabalho com crianças. Depois disso, observa o desenvolvimento do trabalho, oferecendo condições de aperfeiçoamento. Os professores aprendem no dia-a-dia, com seus alunos, em palestras com especialistas, em estudos e discussões dirigidos, na participação em Seminários e Congressos.

Todos os professores e demais membros da equipe da pré-escola são profissionais e merecem respeito, também como pessoas.

Sua atuação, junto às crianças é muito importante e é preciso haver confiança mútua, para o sucesso das atividades. Convém os pais desenvolverem atitudes positivas em relação aos professores, evitando influenciar a opinião das crianças.

Por outro lado, os professores devem reconhecer o valor de sua atuação junto às crianças e procurar agir, o melhor que puderem, como educadores que são, de crianças em idade pré-escolar.

A pré-escola é, talvez, o nível de trabalho com crianças, mais difícil, porque marca, profunda e indelévelmente, o ser em formação.

A ação dos professores é auxiliada pelos contatos frequentes com os pais de seus alunos, que informam e agem de forma integrada, na educação das crianças.

Há o auxílio ainda, das reuniões pedagógicas e dos Conselhos de Classe, onde cada grupo de crianças e cada criança é assunto de debate; há trocas de experiências, entre os professores e eventual orientação, por parte da Supervisão Escolar e da Orientação Educacional da pré-escola.

A PARTICIPAÇÃO DOS PAIS NO CURRÍCULO DA PRÉ-ESCOLA

O jardim de infância não substitui a família, mas colabora no processo educativo, iniciado no lar. A educação pré-escolar se realiza em atitudes complementares e interrelacionadas, da família com a pré-escola.

Essa relação, não significa interferência mútua, mas sim um meio de evitar desarticulações e incoerências, no desenvolvimento da criança.

A pré-escola deve ser aberta aos pais, porque é fundamental, que lhes seja dada a conhecer, a proposta do currículo e as diversas formas que ela assume, quando em ação, no dia-a-dia.

Os pais devem procurar a pré-escola, para conhecerem o que se faz com a criança, na parte do dia que ela aí permanece, e conhecerem seus professores.

Seria ideal, que se estabelecesse um processo de troca de informações e sugestões, para a efetivação real de uma educação complementar da pré-escola à da família.

Muitos pais se interessam pela pré-escola e pelo currículo, nela desenvolvido. Esta participação, porém, não expressa um interesse em ajudar e receber ajuda, mas de uma outra forma, cobrar tarefas que, muitas vezes não competem à pré-escola, pois são próprias da escola de 1º grau, e estabelecer comparações com outras, sob o critério da existência de práticas, que consideram mais adiantadas.

A crítica deve existir, mas de forma construtiva e fundamentada na certeza de que determinada mudança será para melhor.

Todas as pessoas envolvidas na pré-escola, pais, professores, outros membros da equipe, médicos, psicólogos, assistentes sociais trabalham para a realização dos seus objetivos. E isso se torna mais fácil, quando a criança é conhecida pelo grupo, seus interesses, seu modo de encarar a vida, suas formas de se relacionar com as pessoas e as coisas.

Além dela mesma, ninguém melhor que os pais, que vivem com ela, desde que nasceu, para prestar informações.

A pré-escola, quando aberta aos pais, oferece vários momentos de participação deles no currículo.

O comparecimento a reuniões de pais e professores ou entre os pais, somente, demonstra para a criança, o interesse delas pela pré-escola. E é fundamental, no processo de adaptação da criança, ao jardim de infância, o interesse demonstrado pelos pais.

Uma participação, que de início, configura mais, uma troca de informações, vai aos poucos, se aprofundando, em direção a um envolvimento mais efetivo, na tomada de decisões no processo curricular, através de auxílio nas atividades, sugestões de mudanças, estudos organizados sobre diversos assuntos, com os professores e outros pais.

A Direção, a Supervisão Escolar e a Orientação Educacional são serviços que, com toda a equipe da pré-escola, desenvolvem trabalho conjunto, também com os pais, no atingimento dos objetivos. À Direção cabem decisões administrativas, à Supervisão, cabe acompanhar e coordenar o desenvolvimento do currículo e à Orientação Educacional, cabe garantir a adaptação progressiva da criança ao grupo. Mas o mais importante, é o trabalho conjunto e integrado.

Os pais devem ser informados e procurar se informar sobre a proposta da pré-escola, desde antes do início do período letivo.

Em reuniões periódicas, debatem-se temas de interesse comum, que podem ser sugeridos pela própria escola e pelos pais.

Os pais podem ajudar na organização de festas escolares - sem esquecer, porém, que o sujeito principal é a criança - na organização de exposições de trabalhos, de excursões, na preparação dos lanches e mesmo, o que é muito útil, no desenvolvimento de atividades em classe.

Os Círculos de Pais, as Associações de Pais e Professores devem atrair os pais de todas as crianças, para o debate de temas relacionados com a educação pré-escolar.

No surgimento de dúvidas, deve ser procurado o adequado esclarecimento e é de grande valor, a rápida conversa entre pais e professores, no início e no final do dia, sobre a criança.

Uma participação efetiva dos pais, relacionada à atuação do professor e integrada, no desenvolvimento curricular, vai garantir que o trabalho seja adequado à fase de desenvolvimento que a criança vive, tornando, para ela, lar e pré-escola, um todo.

CONCLUSÃO E RECOMENDAÇÕES

A educação pré-escolar tem sido tema de debates, nos mais diferentes aspectos. Muito há ainda, por fazer, e mesmo a compreensão de sua proposta não é comum às diversas pré-escolas e às pessoas envolvidas no seu trabalho.

Concorda-se, porém, que o que se faz, deve levar em consideração a criança, no seu desenvolvimento intenso e diversificado, nesta faixa etária.

Como a educação pré-escolar supõe o crescimento da dependência para a autonomia, das relações exclusivas com a família, para uma crescente socialização, a criança, que inicialmente , vive apenas no ambiente familiar, passa a experimentar ambiente extrafamiliar, no sentido de receber educação complementar.

O mundo de hoje é marcado por mudanças constantes, que transformam os valores e tornam, cada vez mais necessária, a criação de diferentes formas de adaptação, à nova realidade que se apresenta.

Nessa corrida diária em busca da sobrevivência, de avanço tecnológico, em direção a uma nova era, chamada de era atômica, a criança, nem sempre, tem seu espaço garantido.

Conclui-se portanto que, numa fase tão importante da sua educação, como é a fase pré-escolar, compete aos educadores nela envolvidos, dar-lhe condições de definir seu espaço e se adaptar às mudanças que ocorrem à sua volta.

Como existe transição do convívio estritamente familiar para a sua participação em ambientes extrafamiliares, a família e as instituições pré-escolares devem realizar um trabalho integrado e concomitante, sem dicotomizar a influência sobre a criança.

Para tanto, o debate sobre a participação dos pais na pré-escola e a abertura desta, ao envolvimento efetivo daqueles no seu currículo, deve ser intensificado, para encontrar formas, cada vez mais adequadas de trocas enriquecedoras, em benefício da criança.

O debate não se deve limitar a divagações teóricas, mas chegar a propostas de soluções alternativas práticas, que orientem a participação dos pais e a abertura oferecida à sua efetivação, pela pré-escola.

Propostas nesse sentido, devem ter flexibilidade, para adaptações à realidade das pré-escolas que as utilizam. Devem respeitar os direitos da criança e fomentar a sua valorização como pessoa.

É preciso evitar transformá-las em instrumentos políticos e ideológicos, que, de forma velada, venham a se transformar em atos de violência contra a própria criança.

A participação efetiva dos pais na pré-escola tende a estender a compreensão da tarefa dos jardins de infância à comunidade, colaborando na valorização e no estabelecimento de prioridades, para desenvolver esta área educacional.

Cabe também a pesquisadores, artistas, educadores - em todas as áreas - à Universidade, às lideranças comunitárias e às autoridades, o importante papel, na criação de nova atitude frente ao ensino pré-escolar, de oferecer subsídios que desen - volvam os trabalhos neste sentido.

Conclui-se, finalmente, que aos professores e aos pais atuantes junto à criança pré-escolar, devem ser oferecidas con - dições de aperfeiçoamento constante, para realizarem, cada vez mais adequadamente, o objetivo de auxiliar a criança na sua busca de autonomia, auto-realização, garantindo seu lugar na so - ciedade atual.

Não se trata de campanhas temporárias, nem de palavras , que se perdem, nem de estudos que não se aproveitam. Trata-se sim, de possibilitar às crianças, a grande maioria da população mundial, condições de serem sujeitos de sua própria educação.

RECOMENDAÇÕES

Ao final de um trabalho que pretende participar da neces - sária atitude de constante enriquecimento frente à interpreta - ção da educação pré-escolar e que defende a tese da importância da participação dos pais, no currículo da pré-escola, recomenda - se:

1. Às instituições de formação de professores, à Universidade, cuja função de extensão está a serviço da comunidade e às organizações que fomentam a pesquisa educacional, o estímulo ao debate, à pesquisa e à formação de pessoal especializado, para a compreensão do trabalho que se faz, com a criança da pré-escola;

2. às Associações de Pais e Professores e às demais associações que incluam entre seus membros, pais e professores de crianças de pré-escola, o estímulo ao trabalho integrado, a compreensão e a valorização das tarefas do jardim de infância, na formação da criança;

3. a todas as pré-escolas, que reconhecem o âmbito e a importância do trabalho que realizam, a inclusão, em seu currículo, de proposta de ação, prática e adequada, para participação efetiva dos pais, no desenvolvimento curricular.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSIS, Orly Zucatto Mantovani de. Uma nova metodologia de educação pré-escolar. São Paulo, Pioneira, 1979. 55p. (Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais: série Cadernos de Educação).
- AUSTIN, Gilbert R. Early childhood education; an international perspective. New York, Academic Press, 1976. 369 p.
- CASTRO, Amélia Domingues de. Piaget e a pré-escola. São Paulo, Pioneira, 1979. 63 p. (Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais: série Cadernos de Educação).
- III CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR. Relato de experiência - PROAPE. Fortaleza, julho 1978. Mimeografado.
- CRUZ, Azor de Oliveira e. Higiene pré-escolar e escolar. Curitiba, Editora da Universidade Federal do Paraná, 1980. 280 p.
- ESPARZA, Alicia & PETROLI, Amalia S. La psicomotricidad en el jardín de infantes. Colab. de Ricardo Bianutto. Barcelona, Ediciones Paidós Ibérica, 1980. 405 p.
- ESTADO DO PARANÁ-SEED. Departamento de Ensino de 1ª Grau. Educação pré-escolar; uma proposta de trabalho. In: Currículo. 38, 1978.
- ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. SEC. Supervisão técnica. Diretrizes curriculares para jardim de infância. 1976. 59p.
- FERRARI, Aldonza de & LAGOMARSINO, Elena T. de. Primerito - ejercitación psicomotriz, perceptual, espacio-temporal y pre-numérica para jardín de infantes. Buenos Aires, Editorial Estrada, 1979. 192 p.
- FRAIBERG, Selma H. The magic years. New York, Charles Scribner's Sons, 1959. 305 p.
- FRITZSCHE, Cristina E. & DUPRAT, Hebe A. San Martin. Fundamentos y estructura del jardín de infantes. Buenos Aires, Estrada, 1978. 136 p.
- FUNDAÇÃO EDUCACIONAL DO DISTRITO FEDERAL. Educação pré-escolar no Distrito Federal. Proposta curricular. 1978. Mimeografado.

- JONES, Tudor Powel. El educador y la creatividad del niño. Madrid, Narcea, 1973. 158 p.
- KASSAR, Sophia. As mutações do ensino pré-escolar. In: Tecnologia Educacional. 18:14-31, set/out. 1977.
- LAPIERRE, André. Educación psicomotriz en la escuela maternal; una experiencia con los "pequeños". Barcelona, Editorial Científico-Médica, 1977. 74p.
- LOURENÇO FILHO, M. B. Necessidades básicas do pré-escolar nos países em desenvolvimento. In: Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. 110, 267-80: abr/jun. 1968.
- MACHADO, Izaltina de Lourdes. Educação Montessori: de um homem novo para um mundo novo. São Paulo, Pioneira, 1980. 92 p. (Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais: série Cadernos de Educação).
- MARINHO, Heloisa. Currículo por atividades; jardim de infância, escola de 1º grau. Rio de Janeiro, Papelaria América, 1978. 291 p.
- MEC - SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DE MINAS GERAIS. Diretoria do ensino de 1º grau da superintendência educacional. Novas metodologias. Alfa. Relatórios, 1975-78. 63 p. Mimeo grafado.
- MEC. Diagnóstico preliminar da educação pré-escolar no Brasil. Brasília, 1977. 79 p.
- MEC-INEP. Em aberto. Brasília, 4, mar. 1982.
- MEC. Atendimento ao pré-escolar. Brasília, 1980. v. I.
- _____. _____ . v. II.
- _____. Experiências de atendimento ao pré-escolar. Brasília, 1981. 28 p.
- _____. Legislação e normas da educação pré-escolar. Brasília, 1979. 106 p.
- MEC-DEF. Educação pré-escolar - uma nova perspectiva nacional. Brasília, 1975. 31 p.
- MIALARET, Gaston. A educação pré-escolar no mundo. Lisboa, Moraes Editores, 1976. 177 p.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. GABINETE DE ESTUDOS E PLANEJAMENTO. Estruturas educativas. Relatório da missão da OCDE realizada no âmbito do CER/Programa I: Projetos sobre Educação Pré-Escolar. Portugal, dez. 1973. Mimeografado.
- MIRA LÓPEZ, Lola & ALLER, Armida M. H. de. Educación preescolar. Buenos Aires, Troquel, 1970. 487 p.

- MÓJINA. Psicologia de la edad preescolar; un manual completo para comprender y enseñar al niño desde que nace hasta los 7 años. Madrid, Pablo del Rio, 1978. 220 p.
- PARRA, Maria Letícia de Vasconcelos. Monitoria de mães: avaliação de desempenho. São Paulo, PUC/SP, 1981. 161 p. Mimeo - grafado.
- PATTO, Maria Helena Souza. Privação cultural e educação pré-primária. Rio, José Olympio, 1977. 96 p. (Col. Psicologia Contemporânea).
- PECHSTEIN, J. O jardim de infância considerado no plano socio-pediátrico - sua importância para o desenvolvimento da criança. In: Hexágono. Roche. 2:23-32, 1980.
- PERES, Janise Pinto. O currículo na pré-escola. In: Tecnologia Educacional. 44: 23-6, jan/fev. 1982.
- PIAGET, Jean. Para onde vai a educação? Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1973. 96 p.
- PLANEDI. Documento básico. São Paulo, 1976. 53 p.
- REVISTA DE EDUCAÇÃO AEC. 20, 1976.
- RIZZO, Gilda. Educação pré-escolar. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1982. 344 p.
- ROBISON, Helen F. & SPODEK, Bernard. New directions in the kindergarten. New York, Teachers College Press, 1971. 214 p. (Early Childhood Education Series).
- SALVADOR, Ângelo Domingos. Métodos e técnicas de pesquisa bibliográfica. Porto Alegre, Sulina, 1976. 254 p.
- SOUZA, Paulo Nathanael Pereira de. Pré-escola: uma nova fronteira educacional. São Paulo, Pioneira, 1979. (Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais: série Cadernos de Educação).
- TRALDI, Lady Lina. Currículo; conceituação e implicações. São Paulo, Atlas, 1977. v. 1.
- _____. Currículo; teoria e prática. São Paulo, Atlas, 1977. v. 3.
- UNESCO. O desenvolvimento da criança do nascimento aos seis anos. São Paulo, Pioneira, 1979. 70 p. (Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais: série Cadernos de Educação).
- _____. O Correio. 3, mar. 1979.
- VANDENPLAS-HOLPER, Ch. Os objetivos da educação pré-elementar. In: BONBOIR, Anna. Uma pedagogia para amanhã. São Paulo, Cultrix/EDUSP, 1977. Cap. v, p. 81-97.

- WEBB, Lesley. Children with special needs in the infant's school. Great Britain, Collins, 1967. 253 p.
- WILLS & STEGEMAN. A vida no jardim de infância. Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1967. 348 p.
- WITTER, Geraldina Porto. O pré-escolar: um enfoque comportamental. São Paulo, Pioneira, 1980. 71 p. (Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais: série Cadernos de Educação).